



FL. Nº
Anexo – notas taquigráficas
Proc. nº
CMSP – NOME DA CPI
Nome - RF

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE FINANÇAS E ORÇAMENTO

PRESIDENTE: JAIR TATTO

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA.

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 24/10/2018

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Intervenção simultânea ininteligível/inaudível
- Manifestação fora do microfone
- Exibição de imagens
- Suspensão

A SRA. PRESIDENTE (Soninha Francine) – Bom dia a todas as pessoas presentes. Com a presença da Vereadora Soninha Francine, integrante da Comissão de Finanças e Orçamento e do Vereador Police Neto, integrante da Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente, declaro aberta a 16ª audiência pública que a Comissão realiza no ano de 2018 que tem como objetivo discutir o PL 536/18, de autoria do Poder Executivo, que estima a receita e fixa a despesa do Município de São Paulo para o exercício de 2019. É o projeto de lei orçamentário anual. Os temas a serem tratados nesta audiência são: Secretaria Municipal de Cultura, Theatro Municipal e Fundos relacionados a essa secretaria.

Informo que esta reunião está sendo transmitida pelo Portal da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço: www.saopaulo.sp.leg.br, *link* Auditórios On-Line. No *site* aparece como Salão João Brasil Vita, que é o Salão Nobre – como é mais conhecido. Portanto é possível acompanhar desde já ao vivo, inclusive pelo celular.

Por não caber mais ninguém nesta sala – inclusive por questões de segurança -, a audiência também está sendo transmitida pelo telão na sala do 1º andar, o Plenarinho, auditório onde normalmente são realizadas as reuniões da Comissão de Finanças e Orçamento. As inscrições para falar estão abertas.

Outros Vereadores-membros da comissão estão a caminho, mas decidiram que poderíamos abrir os trabalhos para aproveitar o máximo possível o tempo que dispomos.

Foram convidados para esta audiência pública os Srs.: Secretário Municipal de Cultura que será representado, neste ato, pela Sra. Marília Alves Barbour, Secretária-Adjunta; a Sra. Patrícia Maria de Oliveira, Diretora-Geral da Fundação Theatro Municipal; nobres Vereadores; e a população em geral.

A audiência pública foi divulgada nos jornais *O Estado de S. Paulo*, no dia 19 de outubro; *Folha de S. Paulo*, no dia 22 de outubro; e no *Diário Oficial*, nos dias 18, 19, 20, 22 e 24 de outubro.

As próximas quartas-feiras, sempre às 10h, haverá outras audiências públicas da

Lei Orçamentária Anual, separadas por tema. Não foi designado ainda o relator do Orçamento pelo Presidente da Comissão. Portanto, assim que tivermos a informação, todos serão comunicados.

Foi criado algum *e-mail* para envio de contribuições? Estamos aguardando a designação do relator para então divulgar o *e-mail* que será direcionado a ele. Isso é importante para lembrar que a audiência pública é uma ocasião em que todos nos ouvimos ao mesmo tempo, em que toda a sociedade toma conhecimento de todas as contribuições. Portanto é muito valioso, mas não é o único momento. Se por alguma razão algo não for dito, não for satisfatoriamente abordado nesta audiência pública não significa que esse foi o fim da possibilidade de participação. É possível vir, inclusive, em outros momentos, em outras ocasiões, quando soubermos o relator. É possível agendar. Normalmente os relatores recebem muitas vezes representantes da sociedade civil para as suas contribuições e nem precisa vir aqui. É possível mandar contribuições por *e-mail* e o relator tem o dever e a disposição de analisar todas elas. É importante porque eu não sei quantas pessoas vão se inscrever, mas vezes três minutos vai chegar uma hora que a gente vai precisar encerrar as inscrições e talvez não sejam todos contemplados com a fala. Isso não significa que perderam as chances de serem ouvidos. Continuam as possibilidades e, enquanto o orçamento não for votado em segunda em plenário, e essa é a última votação do ano é porque é possível fazer modificações ao longo desse processo.

Passo a palavra para o representante da Secretaria da Fazenda.

O SR. AHMED SAMEER EL KHATIB – Bom dia a todos. Obrigado, Vereadora. Cumprimento a Mesa e todos os presentes. É sempre um prazer muito grande discutir a peça orçamentária com as partes mais interessadas. Nesse caso especificamente Cultura, Fundação Theatro e demais fundos.

Em primeiro lugar é importante que nós façamos uma reflexão. Estamos diante de um momento de incerteza na política econômica que fez com que nós tomássemos algumas

decisões e essas decisões dizem respeito ao orçamento da Cidade. E como é que esse orçamento é preparado? No primeiro momento do ano nós estipulamos e identificamos as premissas, as diretrizes que serão norteadoras dessa peça orçamentária para o ano de 2019. Essa primeira etapa já foi cumprida por meio da Lei de Diretrizes Orçamentárias. Nessa lei é que são postas as premissas macroeconômicas de crescimento, o quanto que está previsto ser arrecadado nos anos seguintes e a política fiscal da cidade de São Paulo como um todo. O orçamento é uma peça única que administrativamente é separado nas áreas finalísticas e tende a ter um grau maior de alcance para as áreas finalísticas.

Isso posto é importante dizer que para o ano de 2019 nós tivemos uma projeção menor para as Secretarias, muito embora tenhamos uma projeção maior para as receitas. A receita estimada, como a própria Vereadora comentou, está em algo em torno de 600 bilhões e a despesa fixada também. Então, para manter o equilíbrio da Cidade, essa é a conta.

É importante tomarmos cuidado com as palavras. Estimar receita para depois, posteriormente, fixar as despesas é o curso natural dessa peça orçamentária, porque muitos confundem e acham que de repente a gente tem que primeiro fixar as despesas para depois estimar as receitas. A gente estima o quanto será arrecadado para depois ter a certeza e a segurança de quanto será gasto dentro, obviamente, das limitações da cidade.

É importante mencionar que para o ano de 2019 temos despesas rígidas, obrigatórias, que não são alvos de reduções. Se a receita cresce, automaticamente o orçamento da saúde, da educação também cresce. Há uma associação muito forte. Os gastos mínimos constitucionais com a saúde e com a educação e outros gastos mais rígidos como previdência, o subsídio, a compensação tarifária, que são políticas nobres, meritocráticas, são importantes para a Cidade, mas que consomem uma parte considerável do orçamento, e, às vezes, acabam limitando os investimentos na Cidade, que estão reduzidos e que tendem a ser um pouco mais encurtados, quando a gente, de repente, não consegue diminuir certas despesas não rígidas.

Por isso, é importante a participação de todos os senhores, especialmente para trazer propostas. Eu acho que ouvir, como a própria Vereadora comentou, as políticas é de extrema importância, tanto para a pasta que aqui está representada pela Sra. Secretária Adjunta e pela Chefe de gabinete quanto para nós, da Fazenda, para identificar eventuais gargalos que possam ser diminuídos e resolvidos.

Logo, fico à disposição, em nome do Sr. Secretário da Fazenda, para ouvi-los e ajudá-los, dentro da nossa possibilidade.

Parabéns a todos por estarem aqui nesta manhã chuvosa.

A SRA. PRESIDENTE (Soninha Francine) - Anuncio a presença do Vereador Jair Tatto, Presidente desta comissão, e também da Vereadora Sâmia Bomfim, da Comissão de Saúde, Promoção Social, Trabalho e Mulher.

Tem a palavra a Sra. Marília Alves Barbour, representante da Secretaria de Cultura, para fazer a sua exposição.

A SRA. MARÍLIA ALVES BARBOUR – Cumprimento os Vereadores Jair Tatto, Soninha Francine, José Police Neto e Sâmia Bomfim. Cumprimento os meus colegas da Secretaria de Fazenda e da Secretaria da Cultura, aqui representados pela Ahmed, pela Sra. Juliana Velho e, em nome do Sr. Secretário da Cultura, eu agradeço o convite, por nós estarmos aqui, mais uma vez, para discutir o orçamento da Cultura, podendo debater, ouvir e também apresentar os bons resultados que nós tivemos, nesses últimos dois anos, à frente da Secretaria.

A Secretaria Municipal de Cultura conta com 108 equipamentos, dividindo-se em 54 bibliotecas, mais a Biblioteca Mário de Andrade, 17 casas de Cultura, 12 centros culturais. No Centro Cultural São Paulo há um espaço cultural que foi recentemente criado, que é a Biblioteca Anne Frank, junto com o Teatro Décio. Há sete teatros distritais mais a Fundação Theatro Municipal e 14 museus. Esses equipamentos estão distribuídos em todas as 32 subprefeituras, exceto em Cidade Ademar, local onde nós localizamos espaço para criar tanto

uma casa de cultura quanto um centro cultural. Estamos trabalhando para isso.

Notícias sobre as bibliotecas; para as 54 bibliotecas municipais distritais, nós implementamos um programa que se chama Biblioteca Viva. Em 2016, o investimento destinado para essas bibliotecas foi de 500 mil reais. Em 2017, já com a Biblioteca Viva, nós aumentamos a disponibilização de recursos para 2,197 milhões de reais. Em 2018, até agora, nós já investimos 1,7 milhão de reais.

O resultado desse investimento no aumento da programação, na compra de livros - compramos uma quantidade expressiva de livros e também recebemos muitas doações -, aumentamos a ampliação do horário do funcionamento. As bibliotecas funcionam aos domingos. Elas têm *wi-fi* livre. Nós adquirimos e estamos distribuindo 55 óculos, que permitem aos deficientes visuais ler qualquer coisa. Os deficientes visuais agora, nas bibliotecas municipais, terão a oportunidade de conseguir escolher o título do livro que quiserem ler ou o jornal do dia, o que quiserem, porque a gente comprou um equipamento supertecnológico e vamos distribuir nas nossas bibliotecas. Nós fizemos o chamamento de 36 bibliotecários que passaram no concurso, então até o final do ano eles estarão trabalhando nas bibliotecas. E na Biblioteca Viva, também, nós mudamos a forma de exposição do acervo dos livros. Eles não ficam mais apenas organizados um do lado do outro, com a lombada, de frente na estante. Agora os livros de destaque são disponibilizados com a capa para frente. tem um mobiliário novo, é uma biblioteca muito mais agradável. Isso convida o leitor.

Fizemos uma grande exposição na Monteiro Lobato em homenagem aos 70 anos de morte do Monteiro Lobato, que aumentou o público enormemente. Levamos para as bibliotecas municipais o programa “70 Mais” e contratamos também músicos de rua, artistas para cantarem, enfim fazerem apresentações artísticas nas bibliotecas.

As bibliotecas também estão passando por um processo intenso de requalificação: obras, melhorias estruturais. Anne Frank, Menotti Del Picchia, Cora Coralina, Hans Christian Andersen, Monteiro Lobato e Raul Bopp são algumas das bibliotecas em que estamos

investindo na melhoria da estrutura física. Ao todo, vamos comprar até o final do ano, em torno de um milhão e meio de reais, em livros. Isso tudo para que a biblioteca entre nessa lógica de Biblioteca Viva.

Na Biblioteca Mário de Andrade nós inauguramos uma sala infantil que é bem bacana. Ela tem uma rotina de teatro às segundas-feiras e contratamos também um serviço muito importante que é catalogação, a digitalização do acervo de coleção de artes e humanidades, literatura. A partir do ano que vem, as pessoas vão poder consultar *on-line* o acervo da biblioteca, em torno de 113 mil exemplares vão estarão disponíveis na plataforma *on-line* das bibliotecas.

- Manifestação fora do microfone.
- A oradora passa a se referir a imagens exibidas na tela de projeção.

A SRA. MARÍLIA ALVES BARBOUR – Posso disponibilizar o *powerpoint* para vocês depois. Dezesete casas de cultura. Em 2016 tínhamos um público de 80 mil; em 2017, 265 mil; e em 2018 até agora 430 mil pessoas.

Aumentamos o investimento nas casas de cultura e o resultado disso podemos ver no público. Aumentamos duas questões que foram mudadas em relação à gestão das casas de cultura: colocamos mais recursos para que os coordenadores das casas de cultura pudessem contratar os artistas locais. Isso ampliou a diversidade de artistas se apresentando, deu oportunidade para os artistas locais. E colocamos mais recursos na programação das casas de cultura.

Criamos novos programas como o de Palco em Palco, que permite o intercâmbio entre artistas de duas casas de regiões diferentes e o programa Giro da Cultura que permite que os artistas locais possam circular em várias Casas de Cultura. A ideia é justamente dar visibilidade para o artista local e valorizá-lo. Além disso, criamos uma programação fixa de

fórró. Uma vez por mês as Casas São Miguel, Santo Amaro, M'Boi Mirim e Freguesia do Ó, uma em cada mês, tem uma agenda fixa de fórró.

Estamos prestes a inaugurar a Casa de Cultura de Parelheiros, que é uma demanda, e estamos muito felizes com essa conquista.

Requalificação das Casas de Cultura: com apoio dos Vereadores, de vários Vereadores desta Casa, nós estamos conseguindo requalificar uma enormidade de equipamentos culturais. Requalificar é fazer reforma, pintar, melhorar a estrutura, comprar estantes, comprar livros, comprar equipamentos. Para vocês terem ideia, as Casas de Cultura que já estão em fase de requalificação são: Brasilândia, Butantã, Campo Limpo, Freguesia do Ó, Hip-Hop Sul, Ipiranga, Parelheiros, São Rafael, Tremembé e Vila Guilherme. Nós vamos começar com Santo Amaro - Júlio Guerra, Santo Amaro - Manoel Mendonça e M'Boi Mirim. Pretendemos construir uma Casa de Cultura em Cidade Ademar.

Além disso, nós também contamos com recursos de emendas parlamentares para a aquisição de equipamentos de som e luz. Então, além de melhorar a programação das Casas de Cultura, nós estamos melhorando, também, os equipamentos de som e luz, que permitem que a nossa programação seja melhor apreciada. Nós vamos entregar equipamentos de som e luz em São Rafael, São Miguel, Butantã, Santo Amaro, Brasilândia, Campo Limpo, Freguesia, Guaianases, Hip-Hop Leste, Hip-Hop Sul, Ipiranga, Itaim Paulista, M'Boi Mirim, Parelheiros, Raul Seixas, São Mateus, Tremembé e Vila Guilherme.

Centros Culturais: em 2016, o investimento era de 383 mil. Passamos para 506 mil em 2017. Em 2018, foram 552 mil reais. Nós criamos o Espaço Cultural Itaim, que é a integração do Teatro Décio com a Biblioteca Anne Frank. Estamos fazendo a reforma do Centro Cultural da Penha e a reforma do Tendal da Lapa. Inclusive, contamos com recursos de emenda da Vereadora Soninha Francine. No Tendal da Lapa existem três reformas acontecendo ao mesmo tempo – duas comandadas pela Secretaria de Cultura e uma pela Subprefeitura. Vamos criar quatro salas de dança no Centro Cultural Santo Amaro para receber

a segunda unidade da Escola de Dança do Theatro Municipal.

Teatros municipais: nós temos sete teatros distritais. O público atual é de 176 mil pessoas até setembro e temos uma agenda intensa de espetáculos. Estamos reformando o João Caetano com acessibilidade e substituição de poltronas. O Theatro Municipal também merece sempre um destaque. No Theatro Municipal nós contamos com um público expressivo. Foram 149 mil pessoas até agosto. No ano passado, já havia 186 mil. O número era bem menor em 2016: 97 mil.

Fomentos: nós temos boas notícias. Em 2016, somando todo o valor investido em fomentos, a Secretaria Municipal de Cultura lançou editais no valor total de 47 milhões de reais. Em 2017, nós fizemos os editais de 2016. Criamos novos editais. Somando-se tudo isso, chega-se a 55 milhões de reais – quase 56, na verdade – investidos em fomento. Em 2018, esse número chega a 70 milhões de reais de investimento na área de fomento.

Nós lançamos novos editais agora, em 2018: Seminário de Arte Urbana, publicação de livro para autores estreantes, apoio aos espaços independentes, criação e exposição fotográfica. Digitalização de acervos será lançada, ainda. Será lançada, ainda, também, publicação de história em quadrinhos. O Prêmio Cleyde Yáconis já foi lançado. O investimento é de 70 milhões de reais. Demos muita atenção para a área do fomento.

Formação de crianças, jovens e adultos. A Secretaria Municipal de Cultura tem três escolas: a EMIA, a Escola de Dança do Theatro Municipal e a Escola de Música do Theatro Municipal. Fora as escolas, temos programas voltados à educação de crianças, jovens e adultos: o PIA, o Vocacional e o Jovem Monitor. Somando todos esses números de alunos-investimento, investimos em formação 30 milhões de reais. E nós atendemos 8.368 alunos no tema formação. Então, é também um número expressivo.

O *slide* do hip hop, eu gostaria que o Eazy Jay apresentasse. O Eazy Jay é o nosso coordenador de hip hop. Também é uma demanda do movimento que tivéssemos um interlocutor no hip hop, e eu gostaria que ele fizesse a apresentação.

O SR. JOSÉ AUGUSTO DE LIMA FILHO - EAZY JAY – Bom dia, senhores e senhoras. Uma boa audiência para todos. Meu nome é Eazy Jay. Sou rapper e coordenador do núcleo do hip hop da cidade de São Paulo, da Secretaria Municipal de Cultural.

Trago alguns dos dados de extrema importância e relevância não só para o nosso município, mas também para nosso país, que já passa a ser referência no hip hop em termos de política pública. Nessa gestão, com o Secretário de Cultura André Sturm, nós criamos o Hip Hop Celebration, que já passa a ser o maior festival de hip hop da América Latina. Pessoal, é o maior festival de hip hop da América Latina!, e ainda estamos indo para a quinta edição.

Cada edição foi feita com uma presença de público alarmante e surpreendente. A primeira, nós fizemos no CCJ, que esteve entre os três maiores eventos dos últimos 10 anos realizado naquele espaço, e o maior dos últimos 5 anos em presença de público e em artistas que se apresentaram.

Nessa gestão, o trabalho que vem sendo feito para o hip hop em termos de políticas públicas alcançou números extraordinários, como eu já disse. A partir do momento em que fazemos o Hip Hop Celebration, deixamos bem claro que é a política pública acontecendo. Por quê? Primeiro, estão se contemplando ali artistas do movimento e da cultura hip hop. Segundo, estão sendo contemplados ali trabalhadores: técnicos de som, iluminadores, seguranças etc. E me desculpem os senhores e as senhoras da GCM, a quem não dei bom dia. Aproveito a oportunidade para agradecer-lhes por nos receber e nos tratarem tão bem. Nesse evento, estão contemplados trabalhadores das mais diversas categorias. Só que, quando se fala em políticas públicas, não podemos nos esquecer de que elas contemplam obviamente o público. Não há prazer maior para um articulador cultural ou para um artista cultural em fazer sua apresentação e lidar ali, de cara, com o público em massa. Então, é isso o que vem acontecendo no hip hop.

Dizia-se que o hip hop estava morto na nossa cidade. É ruim para quem falou, porque o hip hop está muito vivo. À Praça da Sé, levamos o Hip Hop Celebration 2 - Revival,

que seria a segunda edição, no dia 24 de novembro do ano passado, e, pasmem, foram 28 mil pessoas. Vão dizer que eu estou exagerando, mas não: acho até que estou errando, que havia mais. Esse número foi contabilizado pela própria Polícia Militar, que conhecem bem aquele espaço. Convido todos vocês e a todas vocês para entrarem na página do Núcleo do Hip Hop da cidade de São Paulo e verem do que estou falando.

Na Virada Cultural, durante o palco Rap Nacional, simplesmente circularam por ali 55 mil pessoas! E garanto a vocês que 25 mil pessoas eram constantes por ali o tempo todo. Com um detalhe: às 4 da manhã tivemos de parar o evento porque o padre precisava rezar uma missa. Aí, pensei: “E agora? Como vamos dispersar esse pessoal? Eles vão embora para os outros palcos e não vão voltar mais!”. Falei com o pessoal, pedi para que saíssem naquele momento e que voltaríamos às 8 horas da manhã. Pois bem: no horário marcado todos estavam de volta.

Então, vimos contemplando a Cidade, por assim dizer, com as políticas públicas voltadas ao hip hop, e o hip hop andando cada vez mais, porque o artista passa a vender mais seu produto, o público passa a consumir mais. E vejam o tamanho da importância que tem o hip hop para nossa sociedade: os moradores de rua – porque a rua hoje infelizmente não é só rua, tornou-se moradia -, aquelas pessoas se sentem extremamente contempladas; a ponto de subirem ao palco para dizer: “Obrigado, neste momento estamos a salvo”. Não estou exagerando não. Entrem na página e vocês vão ver pessoas invadindo o palco e dizendo isso. Os seguranças não têm problema nenhum, também a Polícia Militar e os GCMs não têm problema nenhum. Se antes hip hop e polícia se confrontavam, hoje não mais: a Polícia Militar elogia a organização e a disciplina que o público e os artistas manifestam nesses grandes eventos.

E os valores, perto do que é feito, temos até de rever. Porque, tendo em vista a importância desse movimento de cultura e o quanto ele contempla, a Secretaria praticamente mais que dobrou o valor que era esperado em relação ao ano passado, ao ano retrasado; e

estamos avançando cada vez mais. É só verem os números depois, o.k., pessoal? Todos sabem que isso é publicado.

O hip hop vem acontecendo com pessoas que são do próprio movimento. Essas pessoas, por serem legítimas, conseguem, com propriedade, cooptar mais pessoas. Isso está provado. Contra números não há argumentos. isso é fato. O hip hop neste momento está de bem com a vida. Um detalhe que é muito importante enfatizar. Sabem como eram antes os shows de hip hop? O cara tinha que estar apertando o cabo na caixa toda hora, porque ficava falhando. O microfone parava, faltava até microfone. Não tinha profissionais para operar seus equipamentos de maneira plena e satisfatória. E hoje é diferente. Convido vocês a comparecerem a um desses eventos para verem o quão organizado é, com uma estrutura bacana, com pessoas trabalhando realmente em prol da cultura, que hoje está acontecendo de verdade não só na cena hip hop, com maior fluxo, porque está havendo mais oportunidade de os artistas e os articuladores apresentarem seus trabalhos. Isso é fato.

Os números são muito positivos em relação à cultura hip hop, e estamos avançando mais ainda. Para se ter uma ideia de como isso está reverberando, em agosto, recebi um convite para ir a Crenshaw, em Los Angeles, porque lá já sabem do que está acontecendo. Não consegui ir por conta de trabalho, porque nós trabalhamos – há uma Secretaria empenhada em trabalhar – para que a cultura aconteça, desde o Secretário de Cultura à equipe de gabinete, passando pela equipe de comunicação, a equipe de programação, etc; todos dedicados de maneira plena e satisfatória para que as coisas aconteçam.

Quanto aos números, são publicados conforme eu já falei e, com propriedade, lhes digo: são satisfatórios e vocês vão ver, no Hip Hop Celebration, os artistas de grande representatividade na nossa cidade, assim também como os que estão precisando aparecer e estão aparecendo no momento.

Vamos que vamos, porque o hip hop não para. (Palmas)

A SRA. MARÍLIA ALVES BARBOUR – Convido a Sra. Gabrielle Araújo, a nossa coordenadora de programação, para nos contar as novidades da programação da Secretaria Municipal de Cultura.

A SRA. GABRIELLE ARAÚJO – Bom dia a todos e todas. Com relação ao que foi feito de 2017 para cá. Acho que muitas pessoas aqui estão conectadas com o que está acontecendo nas pontas. Tínhamos uma programação muito concentrada na própria Secretaria de Cultura, na própria Coordenadoria de Programação, e, nesse mapeamento inicial, também indicamos a necessidade de estarmos mais conectados ao pessoal da ponta para tentar entender os movimentos, as novidades, o que a galera está produzindo nos bairros, e os representantes disso são os nossos próprios funcionários, os próprios coordenadores e articuladores, o pessoal que está nos centros culturais, nas bibliotecas, nas casas de cultura.

De 2017 para cá, optamos por dar mais autonomia para essa galera e, por isso, descentralizarmos um pouco a questão da programação, além de continuarmos fortalecendo o Circuito Municipal de Cultura com a contratação de artistas, coletivos e núcleos para circularem em todas as regiões da Cidade com um orçamento um pouco maior. De lá para cá, fortalecemos também a programação distrital, o que fez com que as casas de culturas e os centros culturais ganhassem mais autonomia para criarem uma programação valorizando seus artistas locais, principalmente os coletivos, e outros artistas que já desenvolvem trabalhos setoriais.

Então, temos essa programação local, que é valorizada pelos próprios equipamentos que estão na ponta, temos a programação do circuito e temos a criamos novos programas a fim de valorizar alguns setores nessa ampla gama da cultura. De 2017 para cá, criamos o Festival Abriu para a Dança – que acontece, obviamente, em abril, por conta do Dia Mundial da Dança –, que percorre os nossos teatros, algumas casas de cultura e atende a programações de rua, além do Theatro Municipal, envolvendo o Balé da Cidade e afins. É uma programação absolutamente gratuita com o panorama com o que há de melhor da dança não

só na Cidade, mas no País.

No aniversário da Cidade, um evento muito importante para o calendário anual de eventos, este ano, nós fizemos uma programação gratuita de 25 horas no Anhangabaú. Obviamente, eventos do centro, não fazemos só no Centro, mas também priorizamos as pontas e as periferias, porque São Paulo não é feita de uma periferia, e sim de várias.

Levamos programação intensa para centros culturais em todas as regiões de São Paulo e, no ano passado, tivemos um dos maiores públicos do SP na Rua e, este ano, repetiu-se o sucesso do evento, com o acréscimo de mais programação, mais intervenções, mais iluminação para o centro, mais segurança para as pessoas, que não ocorre somente pelo belíssimo trabalho da Polícia Militar e da GCM, mas pela própria circulação de pessoas no centro pelas atividades, ocupando os espaços, as ruas.

Neste ano, transformamos o MCI no C.U.C.A, um novo programa da Secretaria que visa a entender qual é o próximo passo da produção independente, que hoje se dá pela própria conexão de artistas e coletivos pela união e pela coletividade. O C.U.C.A surgiu a partir dessa premissa.

Em 2017, também criamos o Mês do Brincar, uma programação dedicada à família. Os nossos equipamentos, que são diversos e frequentados por todo tipo de público, no mês das crianças, passa a ser frequentado também pelos pais. Em outubro, a programação é dedicada especialmente às crianças e aos pais, e é importante frisar que temos sempre lançado programas vindo de demandas que ouvimos dos próprios coletivos e dos movimentos. Através de conversas, debates e discussões, acabamos criando coisas novas a partir de uma demanda da própria sociedade. Uma dessas, por exemplo, foi o 70+, um programa que, para quem não conhece, foi concebido para acontecer em setembro, mas que se desdobrou em uma política pública, que consiste na valorização e reconhecimento de artistas da terceira idade e também desse público específico frequentador dos nossos equipamentos. Esse programa acontece em forma de festival no mês de setembro e, ao longo do ano, no Circuito

Municipal de Cultura, a circulação de espetáculos que são realizados por artistas 70+ ou que são voltados a esse público. Consiste numa valorização desses artistas, que estão há muito tempo batalhando para ter seu lugar nas programações públicas da Cidade.

Vocês vão ver um desdobramento desses números da programação, porque, como eu falei, ela foi descentralizada em 2017 e em 2018, com um aumento significativo do público nas casas de cultura e nos centros culturais, muito também por conta dessa valorização de atividades locais. Pelo aumento do público, conseguimos equilibrar um pouco quais são as demandas locais, as necessidades e os movimentos e conseguimos também enviar artistas de todos os portes para esses equipamentos por meio do Circuito Municipal de Cultural. Com essa contratação, digamos, circular em pacote, acabamos por valorizar artistas pequenos, médios e grandes, não focando apenas nos grandes nomes, mas tentando valorizar um pouco a atuação diversificada desses grupos.

Obviamente, a Virada Cultural, eu não poderia deixar de destacar. Nosso intuito e a vontade do Secretário, desde 2017, foi que ela chegasse a cada vez mais lugares. Em 2018, obtivemos um resultado muito satisfatório: conseguimos levar a Virada para todas as regiões de São Paulo; centros culturais e casas de cultura receberam a Virada. É, sim, um evento para ocupar as ruas da Cidade, mas também é uma oportunidade única para que pessoas que possivelmente e, por qualquer motivo, não frequentam o Centro, tenham acesso fácil, gratuito e de qualidade à sua região. É a oportunidade de ver um artista gratuitamente num equipamento e conhecer esse equipamento, porque há muita gente que está aos arredores deles, mas ainda não os conhece.

- Assume a presidência o Sr. Jair Tatto.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Vamos acelerar um pouquinho, senão ficamos o tempo todo em apresentação.

A SRA. GABRIELLE ARAÚJO - Claro. Vou encerrar.

Levar a programação da Virada para esses lugares é também valorizar principalmente os nossos equipamentos.

É isso. Obrigada. Bom dia. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Obrigado.

Muito bem, Vereadora Soninha. Considero... Passando a presidência, Muito obrigado até aqui. Eu demorei duas horas e meia no trânsito. Eu venho da Capela do Socorro. Não é desculpa, não. É verdade. Inclusive as redes sociais hoje permitem à gente saber de tudo, até o que não interessa.

Quero saudar todos os presentes, agradecer à Vereadora Soninha, que abriu esta audiência para nós. Temos a presença do Vereador Police Neto, da Vereadora Sâmia Bomfim – hoje Deputada Federal, uma das mais votadas do Brasil –, Vereador Ricardo Nunes. Vereadores são esses, por enquanto. Agradeço a tradução em Braille, presente conosco sempre

O SR. JOSÉ POLICE NETO – É Libras, não é Braille.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) - É Libras. Desculpe. Braille é para cegos. É que meus óculos acabaram de chegar, Vereador. Eu tenho essa dificuldade.

Alunas e alunos do Balé da Escola de Dança do Theatro Municipal, e a Professora Priscilla Yokoi, vão fazer uma apresentação. Depois precisamos liberar as crianças para estudarem. Muito bem, então. (Pausa) Nossa querida diretora pode conduzi-los ao microfone.

A SRA. PRISCILLA YOKOI – Bom dia.

Nós faremos uma apresentação. Esse grupo representou o Theatro Municipal no Festival de Dança de Joinville, que é o principal festival de dança do mundo, e recebeu o grande prêmio, foi o vencedor, por isso nós trouxemos essa coreografia para vocês apreciarem. Após a apresentação a Professora Katia e o aluno Wendel vão dar uma palavrinha.

Obrigada.

- Apresentação de dança. (Palmas)

A SRA. KATIA ROCHA - Bom dia. Lindos!

É um grande orgulho ver essas crianças dançando.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Professora é interessante. O Vereador Ricardo Nunes perguntou para uma das meninas, elas moram em vários bairros da Cidade?

A SRA. KATIA ROCHA - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Na zona Leste, Sul?

A SRA. KATIA ROCHA - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Está bom.

A SRA. KATIA ROCHA - Meu nome é Katia Rocha, sou formada pela Escola Municipal de Bailados, antiga Escola Municipal, hoje, Escola de Dança, do Theatro Municipal de São Paulo. Completo neste ano 36 anos que sou professora dessa Escola. Tenho um amor incondicional e grande orgulho. Estou bastante emocionada em ver as crianças dançando, porque já fiz parte de muitas histórias lindas e outras nem tão boas assim. Mas, sempre no final do curso eu presencio e fico emocionada ao ver o quanto essa escola traz benefício e alegria para tantas crianças.

Além de ter excelência em formação e dança, essa escola tem uma função social enorme para a cidade de São Paulo, está completando 78 anos - então eu já estou ali com ela. Ela acolhe mil alunos entre crianças e adolescentes, que ficam em dois períodos, perfazendo uma carga horária semanal de 25 horas, sendo quatro horas pela manhã e cinco horas à tarde.

Pela manhã, eles fazem o Fundamental, e à tarde, o Ciclo Intermediário e Profissionalizante - Interprof. Portanto, a Escola tem a função social de abrigar essas crianças e leva-las para o mundo que, na sua grande maioria, não teria condições para aprender tudo isso.

Eu escrevi aqui algumas coisas, não quero me perder. Eles ficam na Escola durante toda a duração do curso que é de nove anos, depois mais quatro anos participando do

corpo jovem que é o primeiro emprego, onde vão aprender a se portar em companhias entre outras coisas.

As disciplinas do curso são: balé clássico, dança contemporânea, danças brasileiras, dança a caráter, eficiência física, orientação vocacional, música, canto aplicado à dança, história da dança, sapateado e teatro. Ainda há o curso livre que é oferecido para a comunidade da dança, onde os bailarinos vão fazer a manutenção dessas brasileiras, clássicos, etc.

A nossa Escola é de vocês também, está com as portas e o coração abertos para receber a cidade de São Paulo e produzir dança.

Agora, o meu querido vai falar aqui: eu a mais velha, ele o mais jovem. (Palmas.)

O SR. WENDEL - Olá, eu sou o Wendel, tenho 11 anos e estou cursando o terceiro ano da Escola de Dança. Vim falar um pouco de como entrei na Escola, os benefícios e as oportunidades que ela traz.

Comecei meus estudos de dança com sete anos, na Fábrica de Cultura. No início fazendo *hip hop* e sempre tive o sonho de ser um grande bailarino renomado. (Palmas.) Sempre tive o sonho, mas meu pai e minha mãe não teriam condições de bancar uma escola de dança para mim, porque o balé tem um custo muito alto. Daí, uma professora da Fábrica de Cultura me viu dançando e me indicou a Escola de Dança, aproveitei para fazer porque era gratuita.

Passei e a escola, para mim, trouxe uma oportunidade muito... Que eu fiquei maravilhado, porque, neste ano, fomos para Joinville, para o Festival de Dança de Joinville, e ganhamos o prêmio de lá. E eu fiquei muito feliz por isso, porque é o meu primeiro ano de balé e já estou saindo de São Paulo para competir. E eu fiquei muito feliz e agradeço a escola por tudo que já fez para mim.

E é isso. (Palmas)

A SRA. PRISCILLA YOKOI – Bom dia a todos.

Sou Priscilla Yokoi, Diretora Artística da Escola de Dança do *Theatro* Municipal. Foi-me pedido para que apresentasse as crianças. Então, assim que eu for falando o nome, as crianças se levantarão: Wendel, Larissa...

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Professora, fale que qual região eles são.

A SRA. PRISCILLA YOKOI – Olha, os alunos da escola, em geral, são de todas as partes da cidade de São Paulo – Norte, Sul, Leste, Oeste, parte Central.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – O Wendel é de onde?

A SRA. PRISCILLA YOKOI – O Wendel é da zona Leste. (Palmas)

Mais alguma pergunta?

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Não. Pode apresentar as crianças.

A SRA. PRISCILLA YOKOI – Larissa, Livi, Nina Magalhães, Patrícia, Viel, Bia, Amanda, Rebeca, Giovanna, Isabela, Sara, Duda, Augusto, Keren, Larissa, Rafaela, Heitor, Sofia, Melissa e Maria Clara. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – São dois meninos?

A SRA. PRISCILLA YOKOI – São três meninos.

Na escola, infelizmente, por um certo preconceito – e temos quebrado muito isso e tenho lutado para que isso se acabe -, temos poucos meninos. Então, estamos fazendo uma campanha para que muitos meninos possam se inscrever no processo seletivo que abrirá agora, dia 30 de outubro. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Muito bem. Muito obrigado. Obrigado por tudo. (Palmas)

Eu falei com a nossa Diretora, que é Professora, que as crianças precisarão sair. Muito obrigado.

Nesse clima de ódio e de tensão, percebemos que nem tudo está perdido!

Faltaram alguns *slides* de nossa querida Secretária Adjunta. É isso? (Pausa) Eu estava pensando em já abrir algumas inscrições para diminuir, um pouco, a ansiedade. Até na

resposta esses *slides* poderão ser apresentados. Pode ser? (Pausa)

- Manifestação fora do microfone – inaudível.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Eu já comunicarei à Guarda, ao Comandante, que teremos lugares. Então, poderemos fazer essa reposição, dentro dos critérios. Daremos prioridade às instituições representadas.

Então, muito bem. Vamos às falas do público: *rapper* Pirata, Alessandro Azevedo, Johnny Lopes, Mauro Alves da Silva, Pixote, Gabriela e Carolina. São três minutos, para que todos possam se manifestar.

Quero, aqui, registrar que chegaremos a mais de 30 inscrições. Eu vou, ainda, aguardar. Durante essa primeira parte das falas, ainda permitimos que as inscrições continuem abertas até para que possamos colher, os que estão no plenarinho também podem se inscrever. Daremos oportunidade a todos.

Tem a palavra o Rapper Pirata.

O SR. RAPPER PIRATA – Primeira coisa, o Fórum de Hip Hop atua na cidade de São Paulo há mais de 10 anos discutindo política pública e temos de entender o que é política pública. Servidor público serve, não é servido. Tem que saber o que está fazendo no Estado e o que é uma política pública. Por isso somos contra o genocídio. Somos contra o Jair Bolsonaro porque não queremos sangue no país.

- Manifestação na plateia.

O SR. RAPPER PIRATA – E essa política já é estruturada há um tempo porque essa gestão vem desse tipo de política. Parabéns para a Secretaria de Cultura, gosto dos dados. É isso que estamos dialogando, não é estranho, mas tem uma estrutura que não é só pão e circo. Tem a estrutura científica da Cultura e da criação política, a participação política. Eu quero participar da estrutura.

E essa estrutura do Hip Hop que vocês estão falando, infelizmente está na LDO, no plano plurianual. E o plano plurianual está em processo no TCM. E a pessoa que representou o

Hip Hop não falou dos 300 mil reais que estão no orçamento para quatro Casas de Hip Hop. O Território Hip Hop que está no orçamento de 2019 e estamos querendo 2 milhões de reais. Não foi falado do mês do Hip Hop, não foi representado, não foi dito e são 2,5 milhões.

Só que para participar essa Secretaria não aceita isso daqui. Ela trouxe pessoas. Têm funcionários públicos aqui que deveriam estar lá no lugar deles, então a Cidade está abandonada em alguns setores e cadê o Secretário para justificar o orçamento público?

Por que o orçamento da Secretaria de Cultura que, em 2016, era 512; abaixou para 460 e agora estão falando em 393 milhões de reais. Que investimento é esse?

E tenho informação sobre a questão da Fazenda que não tem a capacidade de gastar o dinheiro. Primeiro, não falam com os movimentos sociais e justificam aqui que os movimentos... É falso. Sou do Hip Hop e estamos na discussão. Não participei do Mês do Hip Hop porque fui cerceado. Queriam que eu assinasse um contrato em branco, um monte de coisas.

E aí o que pedimos para não ficar criando caso? Cadê, em que foi investido o dinheiro público? Cadê a transparência pública, o diálogo com a sociedade civil? Por que não dialogar com a gente, sendo que todas as políticas são nossas?

E aí para falar o que é uma política pública, o garoto aqui deu uma representatividade, acho que é o tapa na cara que os Vereadores e etc. têm de entender o que estamos dizendo. O garoto falou: eu tive acesso ao Hip Hop e agora estou dançando balé. É isso, nós estamos falando de todas as culturas juntas. Não estamos concorrendo nesse bagulho.

- Manifestação na plateia.

O SR. RAPPER PIRATA – Não entendem a gente. Agora, eu sei qual é o jogo político. Estamos discutindo aqui, o Theatro Municipal está discutindo 131 milhões. É um bom dinheiro. Nós estamos querendo aumentar o orçamento da Cultura que não é gasto, é abaixado. E o pior, não é respeitado. Sabem quanto custa cada diálogo aqui nesta Câmara

Municipal que está em 630 milhões? 21 milhões só o dia de hoje, 21 milhões dá para investir quatro anos no Hip Hop.

Quero saber qual é a estrutura política do Hip Hop e quero participar desse bagulho. E quero das outras também porque o fomento da periferia eram 14 milhões e ainda está em 9 milhões. Os dados são muito loucos e chamam a atenção. Só que cadê o investimento?

E no orçamento de 2019 não tem Hip Hop, só tem território Hip Hop, mil reais. Querem nos enganar com o quê?

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Obrigado. Tem a palavra o Palhaço Charles, Alessandro Azevedo.

O SR. ALESSANDRO AZEVEDO – Bom dia a todas e a todos. Haddad sim e Márcio França aqui no Estado de São Paulo.

Quero dizer o seguinte, a questão orçamentária eu esperava que a explanação da Secretaria fosse de mostrar previsto e o que foi executado. Vejo que a Secretaria tem optado em substituir as políticas públicas por políticas de evento.

Falo isso com dados. Em relação à área do circo estavam previstos cinco milhões, este ano o orçamento que veio para esta Casa reduz para dois milhões. Quer dizer, o orçamento geral diminuiu em relação ao de 2018, o que está projetado para 2019, mais de 80 milhões. Resta saber o que foi cortado e qual o critério que foi utilizado para cortar os programas. Então, citando alguns exemplos: o circo é um desses exemplos; o forró que tinha previsto no orçamento 800 mil, não foi gasto um centavo do que estava previsto nessa rubrica de políticas públicas; mesmo o orçamento do Teatro Municipal que estava previsto 135 milhões, até agora foram executados 125 milhões, sendo que tem o mês de novembro e dezembro e o 13º, se tiver. Então, vai precisar de suplementação.

Como vocês vêm a Secretaria tem optado em executar políticas de eventos em detrimento de políticas públicas. O fomento ao THeatro foi suspenso. Então, gostaria de saber

por que a Secretaria da Cultura tem optado em fazer as políticas de eventos e não executar o que está no orçamento.

Como proposta de encaminhamento a esta Mesa, gostaria de sugerir que a Cultura tivesse este ano nomeado um sub-relator para acompanhar as nossas sugestões. Não vou fazer propostas de valores porque o coletivo de cultura pretende se reunir e fazer uma proposta única. É assim que nós, trabalhadores da cultura, temos de fazer. Não temos de lutar só por uma área, temos de trabalhar juntos. É bacana ver esse espaço lotado e dizer que estamos juntos com vocês no Municipal. Queremos que vocês estejam junto conosco, porque são uma força importante. Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Com a palavra Jhonny Lopes, depois Mauro Alves da Silva.

O SR. JHONNY LOPES – Bom dia, venho da zona Leste e vi muitos zeros. Fiquei impressionado porque vi cinco milhões para o hip hop e não chega em Itaquera, em Guaianases. Vejo os meus parças fazendo movimentos de quebrada, e junta todo mundo, faz aquela força, porque não tem aquele incentivo. E o que falta é chegar esse incentivo, falta chegar esse hip hop ser um movimento. Qualquer periférico que ver um evento de graça, vai comprar com Corote, aquela bebidinha, barrigudinha mesmo, e vai tomar para o centro na multa. E vai chegar lá.

Se essas políticas públicas chegassem na perifa e fortalecessem. Eu tenho que tramar – tá ligado -, eu estou lá faço o meu corre, consigo o dinheiro do mês dos alimentos e tudo, e depois para produzir o meu som? E para eu chegar, dizer que sou rapper, e não tem o meu som? Não tenho. Têm vários que têm a mesma caminhada lá e várias barreiras. O hip hop é um movimento que os periféricos mantêm mesmo. Sempre, desde o começo, o pessoal ficava no Anhangabaú dançando *break*, nas antigas, era o maior incentivo porque o próprio movimento se movimentava. E agora não chega dessa forma, tem várias barreiras. Eu não tenho dinheiro para investir no youtube, fazer o som, colocar o som e ser visto e depois ser

chamado. Não tenho isso. Eu tenho de chegar primeiro na quebrada, fazer o meu trampo, pagar o alimento e depois eu vejo se consigo fazer alguma coisa. Eu vou conseguir? Não vou conseguir.

Me dá cinco milhões na minha mão, eu construo um palco, coloco os meus parças para ver se não consigo lotar o centro também? Porque é a mesma fita, não chega na perifa isso. Eu vejo vários números, vejo várias fitas, esses investimentos, dá uma câmara para mim, dá um *like*, eu entrevisto várias pessoas da quebrada. Eu vou fazer isso, vou fazer um canal no youtube, vou mostrar o hip hop de quebrada como está funcionando.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Conclua, Jhonny.

O SR. JHONNY LOPES – Quero falar que o movimento se mantém sim, e não é só na internet, o movimento se mantém na rua e não é só com *hype*. O movimento se mantém por ele mesmo. É isso. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Obrigado, Jhonny. Anuncio a presença do Vereador André Santos; e do Sr. Acácio Miranda, Secretário Adjunto da Casa Civil. Muito obrigado pela presença. O próximo orador é o Mauro Alves da Silva.

O SR. MAURO ALVES DA SILVA – Grêmio SER Sudeste e Jabaquara. A primeira crítica à apresentação é que não mostrou o orçamento e nem a execução. Do jeito que está é ficção.

Outra coisa que quero chamar a atenção é essa questão do Tendal da Lapa. Quer dizer, o Vereador tem de fiscalizar porque o Tendal da Lapa começou essas reformas a partir de uma denúncia de mães que começaram a cobrar como era a reserva do espaço. Então, faltam critérios e objetivos para a ocupação.

Os equipamentos instalados no Tendal da Lapa também não têm Certificado de Segurança, e a gente está cobrando isso. A gente fala da Lapa porque temos parceria lá.

Agora estamos cobrando para o Jabaquara recursos para os artistas locais, porque o que foi apresentado parece ficção, já que não chega à periferia. Outra questão, temos quatro

escolas de samba no Jabaquara que ficam ao Deus dará ao longo do ano, e quando começam a fazer os eventos para arrecadar dinheiro a Prefeitura multa, até R\$ 70.000,00, sendo que a verba do carnaval é de R\$ 90.000,00.

No caso da festividade do Jabaquara, estamos lançando o Festival Jabaquara 2019, lembrando que não foi dito da reforma do Centro de Culturas Negras do Jabaquara, onde tem a Casa do Sítio da Ressaca que está completando 300 anos e está caindo aos pedaços, está escorada com pontalete de madeira. Isso faz parte do Plano de Metas, e a Secretaria não apresentou nada aqui.

Foi denunciada na Parada Gay aquela questão de patrocínio de empresas privadas num evento patrocinado publicamente. No Jabaquara, a Prefeita Regional contratou uma empresa do Ipiranga, que é do amigo dela, que está fazendo todos os eventos. Ele vai às empresas pega o patrocínio e a gente não sabe se o patrocínio vai para a Prefeitura ou se vai para o patrocinador, o bolso da empresa. Então, é uma denúncia.

Não há transparência de como são contratados os artistas. Então, a gente pede uma Curadoria mais transparente, inclusive na Virada Cultural, porque sou produtor e apresentei quatro projetos na Virada, mas nem resposta para dizer por que não aceitou.

Por último, foi dito sobre a Escola Municipal de Bailado, cujo caso a gente acompanha desde 2000. Vocês têm que lembrar que o uniforme das meninas é pago pelos pais, então tem uma verba. E uma das críticas que a gente tinha feito era que não havia infraestrutura para criança de nove anos frequentar, não tem recurso.

Finalizando, quero dizer para a gente não fechar quem quer fechar o Ministério da Cultura e não votar em torturador, que vai sobrar para a periferia.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Obrigado, Sr. Mauro. Tem a palavra o Sr. Pixote.

O SR. PIXOTE – Marielle Franco presente, viu. Não esqueceremos dela jamais.

Quero falar sobre o hip hop em 1995, mais especificamente do Rap. Sou o Pixote da Organização Xiita.

Em 1995, houve uma manifestação “da hora”, um evento no Anhangabaú, de 300 anos de Zumbi, reunindo muitas pessoas. Ali havia pessoas de nome e sem nome também. Eu estava ali no meio daquela multidão.

Alguns anos depois, começaram a correr sobre o hip hop, mas eu não entendia qual era a intenção das pessoas de falar sobre o hip hop. Antes de 2017, ouvia-se falar que a semana e o mês do hip hop era um dos eventos mais reconhecidos da América Latina, onde havia multidões de pessoas. E eu andava em todos esses eventos, mas via no máximo 2.000 pessoas reunidas em São Paulo para um mês de hip hop, onde era distribuída uma verba e não era bem feito.

A gente precisava de um representante. Aí colocaram um representante no hip hop, que vem desde 1988 lutando por uma causa. Comecei a participar desses eventos em 2016 e, colocando no papel, de 2014 até 2016, foram quase 8 milhões de reais investidos e não havia nem mil pessoas. Aí vi no papel que o Núcleo do Hip Hop estava investindo R\$ 2,6 milhões e quase 300.000 pessoas e contemplou vários artistas, tanto os renomados quanto os que não tinham nome.

É fácil, irmão, fazer reunião depois das sete da noite, é muito fácil. Eu quero ver você vir na parte da manhã lutar por uma causa. Levanta às seis ou sete da manhã, pega trem lotado, metrô lotado, “busão” lotado, para vir lutar por uma causa. Agora depois das sete da noite é “mo boi”, mano.

E outra, o Bozonaro, nós que somos contra ele, quero ver segunda-feira, dia 29, se ele entrar no poder. Bozonaro, ele nunca! (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Tem a palavra a Sra. Gabriela Carolina.

A SRA. GABRIELA CAROLINA – Boa noite a todos. Represento a Escola Municipal de Música de São Paulo.

A Escola Municipal de Música existe há quase 50 anos e oferece cursos profissionalizantes para alunos que buscam uma perspectiva de futuro diferente do que eles tiveram em casa. Oitenta e três por cento dos alunos da Escola Municipal de Música não vem de família com músico; a maioria teve contato com projeto social, através da música. São projetos sociais que vêm de periferias e que fazem parte também das fábricas de cultura e todos aqueles projetos sociais que mostram a cultura e a arte para a sociedade.

A Escola de Música prepara os alunos para o mercado de trabalho, proporciona desenvolvimento social, cultural e profissional, com aulas de instrumento, teoria musical, práticas de conjuntos e diversas áreas que envolvem o ensino da música. A Escola Municipal é gratuita, e 60% dos alunos têm baixa renda, vêm de regiões periféricas de São Paulo.

A vida desses alunos é transformada através da música. Digo isso por mim, porque vim de projeto social e fui aluna da Escola Municipal de Música. Consegui ingressar em universidade de música, fiz licenciatura plena em Música, através de bolsa de estudo; hoje trabalho na Escola Municipal e ainda posso trabalhar com projetos sociais.

Devolvo aos projetos sociais tudo aquilo que eles me deram. É isso que a gente tem que pensar: o que a gente recebe, a gente tem que devolver. Para isso, a gente precisa de investimento na Cultura.

Represento Lauzane Paulista, na zona Norte de São Paulo, represento a juventude, os professores de música e os alunos da Escola Municipal de Música; represento os funcionários da Escola Municipal e a população que está aqui e que clama por cultura.

A gente precisa de oportunidade para poder ter direito, e um corte na Escola e na Fundação, em todas as áreas de cultura, prejudica tudo isso. A Escola Municipal de Música faz parte da minha história e é a minha história.

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Tem a palavra o Sr. Tranquilo.

O SR. TRANQUILO – Estou representando um movimento, reproduzi um

documento há 33 anos, que ainda tem valor para hoje e deve ser promovido. Eu era Secretário Geral do movimento, naquele tempo, em São Paulo, e fui incumbido de redigir o documento, então vou ler porque quero que fique consignado esse documento, uma semente que faz com que não se perca esse ideal.

“Projeto Garimpeiros da Cultura”: O Departamento de Educação e Cultura do Conselho Coordenador das Associações de Favelas de São Paulo lançou o projeto Garimpeiros da Cultura, porque o povo é o grande manancial da nossa cultura, é a jazida que contém ‘ouro nativo, que na ganga impura a bruta mina entre os cascalhos vela’. – Essa frase é de Olavo Bilac, no poema dele sobre a Língua Portuguesa –. É a fonte cristalina, da qual emanam as mais belas manifestações artístico-culturais. No subsolo de sua consciência jazem armazenadas as tradições do folclore, a experiência vivida dos acontecimentos e todo o cabedal de conhecimentos nascido da prática, que é a base para enxertar todas as contribuições do conhecimento científico. Cada favela é uma pequena amostra do nosso Brasil, formada por migrantes de todos os Estados, cada um trazendo para São Paulo um pouco da identidade que forma a alma do povo brasileiro. E é preciso preservar contra uma invasão cultural desenfreada e disseminada em grande escala. O que nós queremos é resgatar essa cultura que está se perdendo, recolher as criações artísticas do nosso povo e cultivá-las, divulgá-las através de apresentações e festivais; e investir na formação e aproveitamento de muitos talentos, sobretudo da nossa juventude que não tem condições de se desenvolver. Portanto, nos propomos a fazer um levantamento do potencial artístico-cultural existente nas favelas e, ao mesmo tempo, criar condições para que se desenvolvam. O que nós queremos é beber nessa fonte pura da cultura brasileira e fazer que ela jorre em abundância. Como abelhas da cultura, colheremos de flor em flor o mel das autênticas manifestações culturais de nosso povo, devolvendo-as depois para que se nutram com o seu próprio alimento. Com o mesmo ardor de um garimpeiro que procura nas entranhas da terra as cobiçadas esmeraldas, faremos prospecção do subsolo da consciência popular para que dela emanem todas as

manifestações de sua riqueza interior, que poderão expressar-se através do canto da música, da poesia, da dança, do teatro e das artes plásticas. Para fazer eclodir todo esse movimento de afirmação dos valores artístico-culturais de nosso povo, estamos preparando as festas juninas das favelas de São Paulo, em função das quais organizaremos centenas de grupos que terão oportunidade de apresentar o resultado de sua atividade e talento. – Isso foi em 1985, que realmente naquele tempo o movimento era uma seara grande e promissora –. “Para concluir, esperamos que esse evento artístico-cultural que programamos traga para nossas favelas um clima de primavera, fazendo florescer a alma criadora de nosso povo.”

Deixo consignado, então, para que fique essa semente documentada, para que esse movimento realmente se desenvolva e possa crescer. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Muito obrigado, Sr. Tranquilo. Registro a presença do Vereador Isac Felix.

Tem a palavra a Sra. Indhy.

A SRA. INDHYRA GONFIO BARBOZA – Bom dia a todos. Primeiramente, Bolsonaro jamais; Doria nunca mais. Estamos aqui, mais uma vez, mais um ano, em mais uma luta do orçamento, para defender o óbvio. Depois de tantos números, belos números que vimos, é estranho esses números todos, e a gente tem um corte, no orçamento, de mais de 20%, e a gente tem, por outro lado, um *superávit* de 7% na previsão de arrecadação para o ano que vem. Por que sempre a Cultura é cortada? Mesmo quando há *superávit*, a Cultura é cortada? Por que será? Eu acho que as primeiras palavras que eu falei já dizem isso. Sabem que cultura faz as pessoas pensarem. Não querem que essas crianças que estavam aqui dançando lindamente se desenvolvam e tenham pensamento crítico no futuro.

Onde está o nosso plano municipal de Cultura? Já faz mais de dois anos que ele foi aprovado. Cadê esse plano? Por que nem citam esse plano? Ele foi feito por nós. Então, não podemos nos esquecer de que nós temos uma política cultural em São Paulo, e essa política cultural dialoga com os números que foram apresentados aqui, mas a gente quer o nosso

Plano Municipal de Cultura. Nós queremos nosso Conselho Municipal de Cultura. Nós queremos nosso sistema municipal de Cultura. Eu também sou da área da música, e, ao contrário do que falam, que há boas notícias para o fomento, não há não. O fomento à música foi cortado em 50%. Cadê a verba do fomento à música? Por que, até hoje, não aprovaram? Aí fica a dica para os Srs. Vereadores: Na lei de fomento à música, o PL 376/2016, só falta uma votação para ser aprovada, e a gente tem medo de colocar isso na última pauta, porque a gente tem medo que o Sr. Prefeito vete, porque não querem mais um fomento, não querem se obrigar a mais um fomento.

Então, deixo a dica aqui então para os Srs. Vereadores, de tentarmos voltar, no mínimo, ao patamar do ano passado, já que há um *superávit* de 7%. No mínimo, temos que chegar ao que era no ano passado.

Também observo o PPA, porque nós temos um piso no PPA. Nós estamos abaixo desse piso da previsão do PPA.

É isso, e muito obrigada. (Palmas)

- Assume a presidência a Sra. Soninha Francine.

A SRA. PRESIDENTE (Soninha Francine) – Tem a palavra o Sr. Rudi, da Cooperativa Paulista de Teatro.

O SR. RUDI FRAN POMPEU – Bom dia a todos. Eu queria fazer uma fala para a Mesa, dizendo o seguinte: Eu sinto falta de representatividade hoje na plenária. Eu tenho muitos amigos inclusive dentro do Theatro Municipal. Ele está em peso aqui hoje, até porque são pessoas convocadas pelo Sr. Secretário. Muitas nem gostariam de estar aqui. Bastante gente não gostaria de estar aqui.

- Manifestação na galeria.

O SR. RUDI FRAN POMPEU – Para os senhores entenderem, eu não sou inimigo dos senhores não. O que acontece é o seguinte: em todo ano, os senhores veem aqui. A gente

vem aqui fazer a luta pela Cultura, mas eu sei, a gente sabe o que acontece dentro desta Secretaria de Cultura. A gente sabe o que acontece lá. Então, quanto a esse registro que colocam aqui, os senhores sabem que não é verdade. Os senhores sabem disso. A gente conversa sobre isso o tempo todo. Vou dar um exemplo: O Sr. Secretário, Srs. Vereadores, criou um artigo na lei de fomento ao teatro, por exemplo, no edital de fomento ao teatro, colocando, criando uma despesa para 2019. Uma despesa que seria deste ano, S.Exa. joga para 2019, algo em torno de 60% dos fomentos.

Então, o que acontece? S.Exa. está se criando uma despesa para o próximo ano. Está se cometendo uma improbidade. Esse Sr. Secretário, desde que entrou, o que a gente escutou, o que os senhores ouviram, o que a gente soube de coisas dessa secretaria... É lamentável que S.Exa. não venha aqui. S.Exa. não vem aqui para fazer a sua defesa e a defesa de sua gestão. S.Exa. não costuma fazer isso. Para mim, isso é triste, é muito deprimente.

Quero dizer que toda vez que a Cultura é cortada no seu orçamento, significa o quê? Que a gestão não entende Cultura como prioridade. É disso que se trata. Não está enxergando a Cultura como prioridade. Basta ver a peça orçamentária que mandam para cá, uma peça orçamentária desproporcional do ano passado. Dessa vez, o PIB de São Paulo, a arrecadação de São Paulo vai subir quatro bilhões. Por que a Cultura tem que diminuir? Os senhores não concordam comigo? Os senhores não vão me vaiar? Eu sei que não. Eu sei o que os senhores estão passando. Eu sei o que eu passo. Eu não sou celetista. Eu sempre defendi o Theatro Municipal. Eu nunca vim aqui pedir para tirar recurso do municipal, mas sabem o que S.Exa. está fazendo? Com que a gente dispute o orçamento que S.Exa. cortou na base. É isso que S.Exa. está fazendo, não é? (Palmas)

O que S.Exa. faz é isso, joga uns contra os outros. S.Exa., por exemplo, domesticou o *hip hop*. Isso está errado. Eu nunca um *rapper* dá mão à Polícia Militar. Eu nunca vi. É transgressão. A arte é essencialmente transgressora. Não se é artista sendo domesticado.

Então, fora, Sr. Doria, claro, porque isso que nós estamos vivendo hoje é uma herança do Sr. Doria. Não é à toa que essa herança maldita que a gente recebeu do Sr. João Doria repercute na outra rejeição que ele tem na capital. É simples assim. É só ver os números.

Nós estamos sendo esmagados por uma cultura de gestão que não imagina e que não entende a nossa arte como essencial para a vida do cidadão. É disso que se trata. Se nós não nos cuidarmos, não darmos as mãos, nós vamos desaparecer, porque essa é a política do Sr. Bolsonaro, é a política da extinção, a política do extermínio. Enfim, nós não somos inimigos não. Não estou contra vocês não. Eu estou contra a forma como agem contra os senhores.

Obrigado. (Palmas)

- Assume a presidência o Sr. Jair Tatto.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Vou suspender os trabalhos, para abrir a reunião ordinária da Comissão de Finanças e Orçamento.

Estão suspensos os trabalhos.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Registro a presença do Vereador Ota, este Vereador, a nobre Vereadora Soninha Francine e os membros da comissão. Com quatro Vereadores, não há quórum. Então, fica mantida a pauta para a próxima semana e mantido o horário das 11h30, da reunião ordinária da próxima semana, neste momento salão.

Estão encerrados os trabalhos.

- Suspensos, os trabalhos são reabertos sob a presidência do Sr. Jair Tatto.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Retomando os trabalhos, tem a palavra o Sr. Rafael Tomás, do Theatro Municipal.

O SR. RAFAEL TOMÁS MESQUITA – Bom dia à Mesa e bom dia a todos. Em primeiro lugar, a gente queria dizer que não foi convocado para estar aqui, porque

independente da Secretaria que está nesse momento, já é uma prática nossa nos mobilizarmos. O que está acontecendo é que os colegas têm criado, cada vez mais, consciência dessa luta. A gente pensa em tantas coisas para falar para os senhores, e as palavras ficam nulas, quando a gente vê uma apresentação, quando a gente vê uma criança aqui falando e quando a gente vê a Sra. Gabriela relatando. A gente faz uma volta. Eu queria, neste momento, pedir que todos que fazem parte do Theatro Municipal, Fundação Theatro Municipal se colocassem em pé, por favor. Acredito que todos, neste momento, devem ter visto passar um filme na cabeça. Eu também sou fruto de projeto social. Acredito que a maioria dos colegas também. Então, a gente aqui está defendendo a continuidade dos nossos empregos ao teatro. Até o mês de agosto, 149 mil pessoas de público e a gente - essa perspectiva é de agosto - a gente está aqui para servir à Cidade. É o nosso maior objetivo. Não há muito o que falar. A gente queria mostrar para vocês o que a gente faz, o que a gente quer fazer.

Maestro, por favor.

O SR. MAESTRO – A letra dessa música, que vocês vão reconhecer, diz: “Irmãos, abracemo-nos; sejamos gratos, tenhamos esperança e celebremos a vida e a alegria. Orquestra, ré maior.

- Apresentação musical.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Tem a palavra o Sr. Zé da Lua, do Movimento SP Forró.

O SR. ZÉ DA LUA – Bom dia a todos. Eu espero que um dia a cultura popular, o forró e as danças populares consigam chegar dessa forma que nós estamos vendo a música clássica. Parabéns para os senhores, mas eu espero que também a música popular chegue dessa forma aqui um dia. (Palmas)

Quero parabenizar a todos os senhores, porque chegaram muitas pessoas aqui hoje. Não conseguiram entrar e tiveram que ficar em outras salas, pois estão presentes muitas

peças de um só movimento. Inclusive a comunidade Cariboca está aqui. Chegaram uns índios pela primeira vez aqui, e não conseguiram, de imediato, entrar aqui, porque o local estava cheio. Enfim, eu vim falar aqui em nome do forró de São Paulo. Eu faço parte do Movimento SP Forró, um movimento que nasceu em São Miguel Paulista, na Casa de Cultura de São Miguel. Estivemos, no ano passado, aqui, defendendo o forró, pela primeira vez, nesta Casa. Conseguimos uma rubrica de 800 mil para o forró, que até hoje se encontra congelada. Mas também conseguimos muitas coisas pela Secretaria de Cultura; estamos fazendo uma circulação em quatro Casas de Cultura do município de São Paulo, contemplando todas as regiões. Neste ano de 2018, houve várias ações com vários movimentos de forró no Município e no Estado de São Paulo. Uma, pelo Estado, foi o Forró da Garoa, em que houve mais de 500 apresentações nas estações de trem. Então, a demanda por forró, pela cultura popular nordestina é muito grande. O forró hoje está em mais de 50 países de forma muito forte com a dança e com a música.

Solicitamos que se consiga descongelar esses recursos do forró, cuja rubrica nós conseguimos. E que, para 2019, consigamos desenvolver o trabalho e contemplar esses inúmeros grupos que existem no Município de São Paulo, do forró pé de serra, do forró tradicional.

Também solicito que no mês de agosto seja contemplado o mês do folclore com a cultura popular. Existem muitos grupos de cultura popular em São Paulo. São Paulo é uma das cidades mais nordestinas de nosso país, e vemos que a cultura popular e a cultura nordestina não estão dentro desse orçamento da cultura. Então, solicito que os Vereadores e os relatores do orçamento da cultura atentem mais para a cultura popular do forró. Eu também fiz parte de uma Comissão que está lutando por um PL para a valorização do forró no Município. Muitas coisas estão acontecendo, só que falta muito ainda por fazer. Só para eu saber: quem aqui é descendente de nordestino? (Pausa) Vejam só. Muito mais da metade da população de São Paulo é descendente de nordestino, e ele não é valorizado em São Paulo. Penso que precisa

haver mais valorização, precisamos de um valor muito maior no orçamento Plurianual para o forró no município de São Paulo. Era isso.

Boa tarde a todos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Obrigado, Zé. Agora, um parêntese: este ano vai entrar uma rubrica para a moda de viola. Feito, Zé? (Pausa) Falta a viola caipira aqui. Nunca se preocuparam com isso, mas este ano vai entrar. Vamos falar com o relator, ou a relatora, que ainda será indicado.

Tem a palavra Vagner Nogueira, da Comunidade do Samba.

O SR. VAGNER NOGUEIRA – Muito boa tarde a todos. Espero que chegue realmente a rubrica para a moda de viola, porque, infelizmente, é uma cultura que está morrendo porque não tem uma atenção.

Eu gostaria muito estar aqui, como muitos colegas de outros segmentos, lutando para rever o Orçamento, mas eu falo em nome das comunidades de samba de São Paulo. Temos uma média de 400 comunidades de samba em São Paulo, que são formadas nas periferias das zonas, Sul, Leste e Oeste e que vêm há muito tempo caminhando para ter uma parcela pequena do olhar público para investimento nesse segmento de cultura, que tem uma identidade direta. Eu estou falando daquele samba que foi expulso do Largo da Banana no passado e se aglutinou nas periferias; e que, depois, foi sucumbido pelo samba do Rio de Janeiro. Estavam morrendo aqui em São Paulo nomes como Geraldo Filme, Germano Mathias, mas voltam a ser resgatados por essas comunidades.

Peregrinamos muito para conseguir uma lei, e foi aprovada no passado a Lei 16.874, que reconhece as comunidades de samba como algo extremamente importante para a cultura popular na periferia. Mas o nosso querido João Doria – que não volte nunca mais para cá – vetou a lei e não deu nenhum centavo; falou que não poderia fazer parte do Orçamento fixo e jogou para as mãos do Secretário de Cultura para que fosse feito o edital no ano passado, e foi pedido para que a gente estruturasse um edital. O edital foi estruturado, muito

bem feito: um pedido de 480 mil para atender a 400 comunidades, cada uma composta em média de 10 pessoas, atendendo a um público de, em média, 50 a 500 pessoas. Fomos enrolados no ano passado. Ninguém disse nada a respeito desse valor. Sobrou para nós o seguinte: “Usem os aparelhos, as casas de cultura”, outras coisas nesse sentido. Nós não queremos isso. O pobre, a pessoa que precisa desse tipo de movimento precisa de uma identidade direta no bairro, precisa que o movimento aconteça na base, onde estão fazendo, com instrumento, samba no gogó, porque não há nenhum microfone para se ligar. Há muita gente fazendo dessa forma, às vezes não há quem carregue. Essas 400 comunidades de samba se arrastam para conseguir fazer um evento por mês. E não estou falando só de entretenimento: estou falando de educação, estou falando de cultura, porque tem aula nisso. (Palmas)

Então, o que eu venho reivindicar é um olhar crítico para essas comunidades que estão aí “perrengando”, como o hip hop já esteve um dia. E parabéns pelo movimento que vocês unificaram para fazer chegar ao que é hoje. Não acho que apertar a mão do inimigo às vezes seja algo que nos derrube. Mas, se hoje existe um orçamento de 5 milhões para vocês é porque vocês vieram, lutaram, se organizaram, bateram de frente. Esse aperto de mão não significa traição, não. (Palmas)

Por fim, o que eu quero é que seja visto esse edital, porque está na lei. Não estou pedindo nada que não esteja na lei. Que seja feito um edital com minimamente 1 milhão, que seja, para que consigamos continuar atendendo a quem nós atendemos. Obrigado. Ele não! Ele nunca! Dória não volta nunca mais! (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Vou passar a todos um *email* que nós acabamos de criar; ou melhor, que vamos fazer a partir da concordância de todos: orcamentosp2019@gmail.com. Por enquanto, vocês podem destinar as sugestões para a Presidência da Comissão de Finanças e Orçamento.

Esta audiência pública está bem cheia, mas não conseguimos atingir

necessariamente o público que gostaríamos. No ano passado, esse *email* foi um estouro. São sugestões que o relator ou a relatora irá analisar, uma a uma. Repito: esse é um instrumento que criamos, que foi um sucesso: orcamentosp2019@gmail.com, para quem não consegue acompanhar as audiências. Fomos um pouco prejudicados pelo calendário eleitoral. No ano passado, fizemos 13 audiências. Neste ano, conseguiremos fazer 6, e ainda apertados. Também não conseguiremos fazer neste ano as audiências descentralizadas. Eu me lembro de que a audiência pública do Tendal da Lapa provocou isso. Houve um esforço da Vereadora Soninha Francine, na época, de colocar emendas. A primeira audiência foi feita naquele espaço.

Tem a palavra Alam Beat, do hip hop. Depois, José Marilton, o “Chapinha”.

O SR. ALAM BEAT – Bom dia a todos. Sou Alam Beat, DJ do Sampa Crew, um dos primeiros B-boys de São Paulo. Comecei em 83 nas rus de São Paulo. Vou até mudar minha falar. Eu ia falar sobre outra parada; mas, quando eu vi o menino aqui, da dança, que falou que começou no hip hop, já passou um filme na minha cabeça. Aqui estão Rooney, Eazy Jay, Danzinho, vários B-boys que começaram na rua, sem escola, sem nada, dançando na rua e tomando borrachada de polícia, enfrentando o sistema, sendo discriminados – porque o hip hop sempre foi discriminado. Então, aqueles que têm uma escola para aprender uma dança, uma arte, que dê valor, porque a gente foi no osso, na rua, sem dinheiro para comer, sem nada. Na rua, dançando, acreditando no hip hop; e hoje a gente está aí, e esse cara está ali, Eazy Jay. Esse cara representa o hip hop. Esse cara levou o rap para a rua. Outrora, acho que aqui deve ter professores e arte educadores, outrora, o hip hop pagava 1.500 reais por oito minutos. Duvido que tenha um professor aqui que ganhe 1.500 reais para dar oito minutos de aula. Fácil, não é? Pega uma basezinha no celular, que baixou da Internet, espeta no cabinho, canta oito minutos, e ganha 1.500 reais. Duvido que tenha um professor aqui ganhando 1.500 reais em oito minutos de aula. Não tem.

O que aconteceu agora com a gestão do núcleo do hip hop e o Easy Jay? Esse

valor de 1.500 abaixou para 800 reais para contemplar mais pessoas e ele filtrou a qualidade musical. Aqui tem vereador, tem deputado, acho que estudaram para chegar onde estão. Trabalharam para isso. No rap, no hip hop da mesma forma: tem de trabalhar, estudar, tem de fazer suas músicas e tem de ter talento. É claro que não vai dar para agradar a todos. Não tem como agradar a todos. O que você vai fazer? Vai peneirar, vai filtrar, pegar quem tem qualidade e colocar para trabalhar. Por que o resultado do público? Porque a qualidade está nos artistas. Se não tem qualidade no artista, não tem público. Não tem como agradar a todos.

Outra questão. Virada Cultural. Fui curador da Virada Cultura, dessa última, e em 2016, dei suporte para Banks da Back Spin. Nessa data o Banks conseguiu contemplar de 25 a 26 artistas. Agora, nessa última, contemplamos quase o triplo de artistas, graças ao Núcleo do Hip Hop e ao trabalho do Easy Jay. Como o mano ali falou: “Ah, fazer o hip hop no Centro é fácil...” O hip hop não está só no Centro. O mês do Hip Hop Leste, Sul, Oeste, Norte e por que não Centro? Porque o Centro é o local onde todas as periferias vem para o Centro. E por que a periferia não pode vir para o Centro? Tem algum problema da periferia estar no Centro? Não tem!

Então é isso. Estou aqui para parabenizar o Núcleo do Hip Hop, para parabenizar sim o Easy Jay, porque hoje, aquela época em que eu ia na rua dançar lá sem comer, sem nada, tomar borrachada, valeu a pena. Hoje a gente tem um dos nossos que também estava lá, que também passava por lá e via o nosso triunfo com o cabelão dele, dando as cabeladas dele dançando, e hoje tem um representante.

Falar aqui do Mano, o Rudi. O grande Rudi. Esse cara daqui, o Banks, me apresentou ele. Estava proibido de dançar *break*, de fazer o hip hop na São Bento, certo? Aí o Banks falou: “Vamos encostar lá no Rude, que ele tem um acesso ao metrô, ele vai levar a gente no metrô, e vai conseguir a liberação da São Bento para vocês voltarem a ocupar o espaço e dançar lá.” Ele ajudou a gente. Obrigado Rudi. Parabéns. O lance que ele falou aqui, que o mano ali ficou chateado sobre o hip hop estar domesticado, não entendi também. Depois

vou trocar ideia com ele, ele vai me explicar essa fita aí. Mas na realidade assim, o hip hop está tendo uma visão que outrora não tinha. Quem consegue fazer um evento com artista de porte como o Rincon, Edi Rock, Kl Jay, Sampa Crew. Se juntar cinco artistas desses, dá mais de 500 mil reais. E é feito com um valor muito abaixo, por quê? Porque o mano vem da rua, porque o mano conhece os artistas e tem como fazer essa ponte aí, entendeu?

Então, o hip hop está de parabéns. Núcleo de hip hop está de parabéns. Easy Jay, de parabéns. Virada Cultural de parabéns. Sei que estou aqui na contramão, porque eu vejo o pessoal vir aqui só para dar martelada e paulada, certo? Não vim aqui para falar de eleição nem de política, porque o ponto de vista das ruas é que o povo está entre o ladrão e o polícia, está na linha de tiro. Não sei o que vai dar isso.

Obrigado. Alam Beat, Sampa Crew, abraços a todos. (Palmas)

- Assume a presidência a Sra. Soninha Francine.

A SRA. PRESIDENTE (Soninha Francine) – O próximo inscrito é José Marilton.

O SR. JOSÉ MARILTON DA CRUZ – O, ô, o, ô... (Palmas) Eu venho da senzala, dos cativeiros. Sou partido alto, sou sincopado, sou terreiro. Sou nada mais, nada menos do que a genuína cultura deste País. Vou repetir porque tem de ser gravado. Posso, não é? (Risos) Eu venho da senzala, dos cativeiros. Sou partido alto, sou sincopado, sou terreiro. Sou nada mais, nada menos do que a genuína cultura deste País. No caso, aqui em São Paulo, eu sou patrimônio tombado e material desta cidade, mas até então eu ainda não tive o meu reconhecimento. Eu sou o samba.

Eu sou o Chapinha do Samba da Vela, um cearense metido a sambista, fundador do Samba da Vela, “contribuidor”, colaborador – acho que a expressão é essa - de várias outras comunidades citadas aqui.

O que quero dizer é o seguinte: morro de inveja – inveja boa - dos meus amigos do

hip hop. Estou com inveja até dos meus parceiros, dos meus conterrâneos do forró, que tem uma rubrica, mesmo que congelada, de 800 mil reais. O samba, como já foi citado aqui, pela primeira vez, no ano passado, foi aprovada uma lei de incentivo para as comunidades de samba de São Paulo, que são inúmeras, e não foi colocada uma rubrica porque o senhor mentiroso João Doria, que não foi prefeito desta Cidade, nunca, jamais. Ele foi eleito, mas nunca esteve aqui.

Então, eu gostaria de pedir o apoio dos Srs. Parlamentares para olhar para o samba, um pouquinho melhor. Não é privilégio o que a gente está pedindo, é apenas um direito nosso. A gente não quer ser melhor do que ninguém, melhor do que o hip hop, melhor que o Theatro Municipal, absolutamente, melhor do que ninguém, mas a gente só quer o nosso direito. Será que a gente merece? Vocês acham que o samba merece uma rubrica?

- Manifestação na galeria.

O SR. JOSÉ MARILTON DA CRUZ – Então, Srs. Parlamentares, Sr. Jair Tatto, sou um cara que tenho uma imensa admiração, não só como parlamentar, mas como pessoa também, por favor, dê uma olhada melhor para o nosso samba. No Samba da Vela são 18 anos de batalha, 18 anos de existência, para que a gente possa contribuir com a continuidade do samba, por isso a gente é uma roda de samba de compositores. Só cantamos o nosso samba, o samba da comunidade há 18 anos. Já tiramos do pleno anonimato, nesses oito anos, mais de 350 compositores. Temos nossos arquivos dos cadernos, porque a gente não pode gravar CD, a gente faz o caderninho todo ano. A gente tem 1.400 sambas no caderno que ninguém grava e a gente também não tem condições de gravar.

Então que seja um olhar um pouco melhor para o nosso segmento, por favor. São 18 anos e a gente não teve ajuda de Poder Público nenhum, apenas do povo que vai nos prestigiar, todas as segundas-feiras. A partir das 20h30 acendemos uma vela, cantamos sambas nossos até a vela apagar. Acabou, tem uma sopa para todo mundo, mesmo sem ajuda do Poder Público tem uma sopa para todo mundo tomar, para não sair de lá só alegre, mas de

barriga cheia também.

Para finalizar eu queria dizer o seguinte: foi citado sobre as ferramentas, os mecanismos culturais, maravilhoso. Só que eu gostaria de deixar uma reflexão. Eu gostaria que principalmente as casas de cultura, absolutamente nenhuma fosse curral eleitoral de nenhum Parlamentar. Olhem direitinho porque tem casa de cultura que é de um mandato, onde os funcionários são cabos eleitorais simplesmente.

Boa tarde para vocês. (Palmas)

- Assume a presidência o Sr. Jair Tatto.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Obrigado. Mas fica o compromisso aqui, nós precisamos fazer uma reflexão, um parênteses aqui, porque para a fábrica do samba, para o Carnaval, vão milhões também. Nada contra, pelo amor de Deus, Samba da Vela, da Biquinha, conheço todos, visitei, o Chapinha sabe. Vamos criar, é compromisso. Vamos criar uma rubrica específica lá na quebrada, porque uma vez vocês são testemunhas, eu, junto com o Vereador Ricardo Nunes, criamos rubricas específicas para os bairros e aí tanto no nosso governo como no outro governo, sentaram em cima. De botar o dinheiro na Prefeitura Regional e daí o conselho participativo se arrebenta lá, mas também ninguém deu bola, vocês lembram disso?

Prefeitura Regional de Perus, 400 mil, é um parênteses do Presidente, mas não vamos debater. Quatrocentos mil reais para Perus, eu me lembro disso, pelo IDH ninguém deu bola. Viu Chapinha. Dialogamos com a juventude, com todo mundo, ninguém deu bola, você ia fazer o samba lá, o rap, qualquer coisa. Temos que fazer uma correção histórica, o meu governo que apoiei também... Você bota lá o dinheiro. É um real per capita. Davam 11 milhões e 153 mil reais pelo IDH. Aí vocês sequer vão lá na região, brigam, e façam valer. Aí a gente tira o que chamam de pancadão e transforma numa coisa pública com a Guarda Civil Metropolitana acompanhando, não importa. Com palco, som, luz.

Eu só quero fazer esse desabafo mais uma vez que eu fiz o esforço. O Fábio

acompanhou, bota o dinheiro lá. Não representa nada perto do Orçamento. Quanto que dava?

Onze milhões de reais para São Paulo toda.

Vocês topam retomar essa parada aí?

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Eu estou dizendo aqui que dois governos não cumpriram, então vamos retomar. Foi a partir da fala do Chapinha e do que representa o Samba da Vela, que você criou um formato que hoje há vários em São Paulo, que é uma coisa salutar, bonita, e isso chama a atenção. É verdade. É para descentralizar ou não é? Precisamos também organizar o nosso debate. Se não a gente traz tudo para um lugar só e não tem coragem de descentralizar. Eu aceito o desafio. Vamos em frente.

Tem a palavra o Sr. Roberto Minczuk.

O SR. ROBERTO MINCZUK – Boa tarde. Tenho o privilégio de ser o maestro titular da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo. Quero dizer a vocês, como eu disse no ano passado, sou paulistano, também nasci na Zona Leste. O nosso diretor de balé, Ismael Ivo também é da zona Leste de São Paulo, nasceu e foi criado, vizinho meu na Vila Ema e nós temos muitos artistas do Teatro Municipal que vieram das periferias da nossa cidade e de outras periferias de cidades do Brasil, assim como muitos através de hip hop, do samba, no meu caso foi na igreja.

A gente descobre o talento e tem a oportunidade de colocar o talento em prática e de receber uma oportunidade. O próprio Villa Lobos, que é um dos nossos maiores músicos de todos os tempos, começou numa roda de choro no Rio de Janeiro e se tornou o maior músico do Brasil. Muitos de nós descobrem esse talento de uma forma inusitada. Eu tive a oportunidade de visitar o Theatro Municipal quando eu tinha nove anos, me encantei porque era um lugar fantástico. O Theatro Municipal é o centro de São Paulo. Tem as suas portas abertas, é o espaço mais democrático que temos da cultura porque ali as portas estão sempre abertas, espetáculos gratuitos, um menino como eu quando tinha nove anos pode ir assistir ao

concerto no domingo pela manhã a preço popular, com ingresso de seis reais, ou concertos gratuitos como a gente fez no aniversário da cidade, como a gente faz sempre. Ter essa oportunidade de sonhar em ser artista, de um dia participar.

Eu tive a oportunidade de estudar na Escola Municipal de Música com nove anos. Estudei ali e me formei, não foi fácil, porque vim de uma família de oito filhos. Eu era o número cindo de oito e todos estudaram, se esforçaram. Tem de correr atrás do sonho. Hoje tenho o privilégio de me tornar maestro desse teatro que eu tanto amo.

São Paulo é a capital cultural do nosso país. O Brasil inteiro olha para a cidade de São Paulo como referência. Se dá certo em São Paulo, porque não pode dar certo no resto do nosso País? Temos essa vocação de servirmos de inspiração para jovens como o Wendel, aquele bailarino que esteve aqui, que maravilha, com onze anos fazendo parte do corpo da Escola de Dança de São Paulo. Eu, com onze anos, tocava na Orquestra Sinfônica Jovem Municipal. Então, essa cidade me proporcionou oportunidades e sou muito grato e estamos aqui representando esse teatro que é o centro da nossa cidade, onde as pessoas se reúnem e está sempre de portas abertas.

— Talvez vocês não saibam que há mais de 20 anos teve um Prefeito aqui na cidade, que foi o Jânio Quadros, que extinguiu todos os corpos artísticos do Teatro Municipal. A cultura sempre corre o risco de acabar, ou de ser cortada, ou de ser eliminada, como um prefeito que vem e resolve que não precisa ter orquestra, não precisa ter coro, não precisa ter corpo de baile. Vamos extinguir porque custa caro e extinguiu. Durante décadas os músicos do teatro tiveram de ser contratados com contratos precários, mês a mês, com verba de terceiros. Quase acabou.

Ano que vem, nós vamos celebrar os 80 anos do coro lírico e da Orquestra Municipal que está aqui presente. Para vocês agora, Maracatu, lá do Nordeste, de Chico Rei, de Francisco Mignone.

- Apresentação musical.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Tem a palavra o Sr. Fábio Siqueira.

O SR. FÁBIO SIQUEIRA – Bom dia, população paulistana, que ama a cultura brasileira, como foi demonstrado agora há pouco, porque o grande maestro Francisco Mignone nasceu na cidade de São Paulo. É um nome fundamental da cultura brasileira. Como vários outros aqui. Vamos falar da importância dessa discussão. Lamentamos muito que a cada ano vem se diminuindo a verba para a cultura. Isso é profundamente lamentável porque isso impacta na execução orçamentária anual e nos projetos futuros, não só da Secretaria, mas do tema da cultura. Não digo nem da capital porque são demandas, são políticas que impactam o Brasil inteiro. É muito sério a não priorização da cultura nessa gestão Doria/Bruno Covas.

Por exemplo, Conselho Municipal de Cultura, conselho previsto na lei, existe há mais de 50 anos. Porque vocês não implementam o Conselho Municipal de Cultura. O que é que está faltando para esse conselho ser aberto para a comunidade? Como em qualquer lugar do mundo.

Qual o problema da não priorização do patrimônio histórico dessa cidade? É lamentável existir uma dotação “preservação do patrimônio histórico artístico cultural e arqueológico de São Paulo” e nada é executado até 30 de setembro passado. A questão dos monumentos históricos de São Paulo, que é uma referência mundial. O mundo conhece a obra do Vitor Brecheret, a obra que embeleza a nossa cidade e isso não é valorizado. A gente teve uma tragédia, um luto mundial com o incêndio do Museu Nacional, uma perda de dois séculos de história. Isso acende um farol da urgência em preservar o nosso passado que é a nossa história. Infelizmente, para não deixar que de novo essa tragédia ocorra em São Paulo tem que haver verba para a mínima preservação desse acervo, que não é só brasileiro, é mundial. São 200 anos de história jogados no lixo por um irresponsável que está na cadeira de Ministro da Cultura. Sem dúvida, Sérgio Sá Leitão é um dos mais medíocres ministros da história desse país porque permitiu que ocorresse uma situação dessa com o patrimônio histórico e em outras áreas, como a Biblioteca Nacional, que está também a próxima na fila de ser destruída.

Nossa história literária pode ir para o espaço, infelizmente. Como também no caso, voltando para a municipalidade, as bibliotecas infanto-juvenis. A gente não ouve mais falar na política de livros e literatura para as crianças e adolescentes. É lamentável isso acontecer numa cidade que revelou grandes autores como Ruth Rocha, paulistana, e vários outros vultos para crianças e para adolescentes. Hoje são desrespeitados até nome de biblioteca desapareceram, vultos da nossa cultura.

e para adolescentes. Hoje, são desrespeitados. Até do nome de biblioteca desapareceu vultos da nossa cultura.

Também solicito verba, em cumprimento à Lei 14.756/2008, para o Museu da Televisão. A televisão nasceu nesta cidade, e até hoje não tem um museu para guardar a sua história nesses 68 anos. Então solicito que seja cumprida a lei que eu mencionei, do saudoso Dr. Rogério Farah, Vereador, aprovada em 2008.

Também gostaria de saber por que existem 31 dotações para obras de melhoramentos de novos equipamentos para chegar a cultura na periferia, que não tem bibliotecas, não tem teatros, como em Parelheiros, Perus, Cidade Ademar, enfim, em regiões realmente carentes desta cidade? São 31 dotações, 18 milhões de reais. Sabe quanto a gestão gastou este ano, de 1º de janeiro a 30 de setembro, zero real. Nenhum centavo para novas obras. Quer dizer, tem 31 dotações, mas não se gasta um real nessas dotações para novas obras, novas instalações e serviços, para chegar realmente a cultura na periferia de uma maneira mais definitiva. Porque os governos passam, o teatro, a biblioteca, permanecem, são equipamentos históricos, e isso não está sendo valorizado.

Também queria lamentar o zero da dotação Pontos de Cultura – Cultura Viva. É lamentável, porque é um projeto importante, e três milhões vão desaparecer. Assim como também a Casa de Cultura da Ponte Rasa, sempre prioritária, no Ermelino Matarazzo, e nunca cumprida. É lamentável como essa população da zona Leste também é desrespeitada.

Por fim, queria saber por que as subvenções de entidades culturais não está sendo

executada, se existem leis específicos, como a Masp, museu que acabou de completar 70 anos, e a Cinemateca Brasileira, entidade histórica, que teve como um de seus fundadores Antônio Cândido, vulto do nosso pensar, falecido ano passado, e não há nenhum centavo para isso.

Quero também protestar: por que a Virada Cultura não chega aos CEUs? Porque fomentar música é apenas de 104 mil reais. E por que a dotação da Escola de Música e da Escola de Dança estão misturadas? Sendo que tem que ser uma dotação para a escola de música e uma dotação para a escola de dança.

É isso. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – José Renato de Almeida, da Cooperativa de Dança de São Paulo.

O SR. JOSÉ RENATO DE ALMEIDA – Bom tarde a todos.

Primeiramente, ele não, ele nunca; Doria não, Doria nunca mais.

Bom, voltamos aqui como todo anos temos vindo. E, ano após ano, o que encontrarmos é cada vez maior o arrocho da verba da cultura na cidade. Então trouxe, só para lembrarmos concretamente, e para ninguém poder dizer que não é, uma consulta eu fiz ao orçamento municipal ontem. São dados que estão no site do orçamento municipal.

Para não falarmos que estamos falando somente dessa gestão, eu vou pegar o ano anterior, em 2016: do orçamento da cultura, que era de 500 milhões, somente foram pagos 330 milhões; em 2017, cujo orçamento era de 450 milhões, foram pagos somente 278 milhões.

Aí, o ano passado, vivemos aqui e ouvimos a história de que o orçamento da cultura estava sendo diminuído para esse ano, mas que o congelamento iria ser menor, e que iríamos executar mais, proporcionalmente. Ok, vamos lá.

Orçamento de 2018 da cultura, atualizado, voltou para 500 milhões. E, até ontem, foram pagos somente 225 milhões. Pagamos, até outubro de 2018, menos de 50% do orçamento da cultura. Vamos gastar mais? O congelamento é menor, o congelamento que ano

passado ficou em 25 no final do ano, esse ano, está em 18. É verdade. Está menos congelado. Está mesmo. Agradecemos, inclusive, o empenho da Secretaria de Cultura e o empenho da Secretaria da Fazenda. Está mesmo menos congelado, mas vai ser gasto? Vamos gastar mais 70 milhões até dezembro? Demanda eu sei que tem um monte, sei de um monte de coisas parada dentro daquela Secretaria, demanda tem. E o que vamos fazer, no ano que vem, com o orçamento da Secretaria da Cultura, que está chegando com 390 milhões? O que a gente abre com isso?

Precisamos pensar novamente no Plano Municipal de Cultura. Precisamos de um sub-relator de orçamento para a cultura. Agora, precisamos fazer essa discussão com o sub-relator de outro jeito, para não acontecer o que aconteceu ano passado, de sentarmos com o sub-relator, conseguir 30 milhões a mais, e, aqui, nesse canto, nesta mesa, na votação final, ouvimos que teve veto pessoal do Secretário. Quem falou isso para mim foi o Turin. Ou então ouvir do Ricardo Nunes quanto foi executado. Gente, se não executamos o que está disponível, o orçamento vai cair ano após ano.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Está registrada, mais de uma vez, a solicitação para a criação de uma subrelatoria para assuntos da cultura.

Muito bem, Pagé Laguna, da Comunidade de Cariboa-Etnia.

O SR. PAGÉ LAGUNA – Boa tarde, pessoal, Presidente e presidentes de clubes.

Gostaria de estar aqui falando como todo mundo, batendo palma, alegre, satisfeito, mas, infelizmente, nós, indígenas, viramos quadros, estátuas, e assim por diante. Não existe um programam, não só em São Paulo, mas no Brasil inteiro, diretamente aos índios urbanos, somente aos índios aldeados – coitados, no papel, porque, na realidade, não.

Várias vezes somos chamados para fazer apresentação de cantos, histórias indígenas, palestras nas escolas, e não tem nada para contribuir com o índio. Olhando para trás, vocês veem lindos quadros: índios e escravos. Mas, como disse, somente no papel, e, nos quadros, para embelezar, em secretarias de cultura, de esportes, galerias, mas, na realidade,

de ajuda, nada.

Nós ficamos pulando de município para município, de estado para estado, para tentar, pelo menos, um cantinho para podermos reativar a nossa cultura. Mas sempre nós, indígenas, atrapalhamos alguém. Sempre estamos atrapalhando, porque nós gostamos de plantas, nós gostamos de árvores, e, quando nós plantamos uma árvore, ou um pé de abacate, o abacate cai na casa do vizinho, e a polícia vem com a prefeitura mandar cortar o pé de abacate. E assim é com laranja, assim é com tudo. E quando a gente fala: “lugar de índio é do mato”. Mas o mato tomaram da gente, não tem mais mato para a gente, foi tomado, acabou. Aí eu pergunto: aonde vamos? A cidade não nos aceita, porque nós cantamos, nós dançamos, nós tocamos tambor, nós fazemos pajelança, nós fumamos orubá, nós fumamos petengué. Então não pode. E no prédio? Não pode, é só até dez horas. E nós viramos lua cheia, lua nova. E nas praças? Não pode, a polícia não deixa. E se tentar? É assaltado, é morto, é bandido. Acabou.

E não é só a Prefeitura, não, porque muitas coisas não dependem só do prefeito, não depende só dos vereadores ou dos secretários, depende também da população. E se a população dizer “sim”, ninguém vai falar “não”. (Palmas) Nenhum deputado, nenhum Vereador, nenhum prefeito, nenhum governo, nenhum presidente é eleito sozinho, ele precisa de alguém para colocá-lo lá dentro. E se tem vereador, nós votamos, colocamos, então não podemos ficar só na dependência deles. Temos um grande deputado, um vereador? Tem. E para olhar para a gente?

Eu gostaria tanto que como o índio não tem palavra, índio não tem momento, é que essa Secretaria olhasse por nós. Não vou dizer bilhões para o índio, mas dar trabalho, deixar nós trabalharmos, vendermos nosso artesanato, para que possamos nos virar com os nossos próprios braços. Agora, toda a ajuda é bem-vinda.

Obrigado. Que Deus abençoe. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Obrigado, Pagé. Tem a palavra o Sr. Cacá

Lopes. Não está. Com a palavra a Sra. Isabel Santos.

A SRA. ISABEL SANTOS – Boa tarde, pessoal. Obrigada pela oportunidade.

Eu sou a Isabel Santos, sou do Movimento Forró Patrimônio Cultural do Brasil, e, este ano, trouxemos o movimento para São Paulo e fundamos o Fórum do Forró de Raiz de São Paulo.

Todos são da cultural, então provavelmente sabem, mas só reforçando: o forró é um complexo cultural e está presente em diversas linguagens. E os fóruns trazem essa conversa para que nós, dentro da comunidade, que também tem produtores, pesquisadores, além dos músicos, da dança e assim por diante, possam se organizar e expandir as suas atuações, inclusive como comunidade.

O Fórum fez uma solicitação para que o Estado de São Paulo reconheça o forró como patrimônio cultural. E aqui, na Casa Municipal, temos uma lei tramitando, a 336/18, que é de fomento e difusão do forró.

O fomento passa não somente pelos eventos de entretenimento, de shows, que, como vários já citaram, tem sido o foco da Secretaria, porque é preciso fomentar também os espaços de manifestação e trocas culturais. Isso porque essa cultura é transmitida sobre uma vivência, de modo que esses espaços são necessários.

Na Lei de Fomento, pedimos um centro de referência do forró, para que, além dos eventos, nós tenhamos formas de ensinar essa cultura, que tem a parte de poesia, música, dança, culinária e filosofia. É uma filosofia de vida. E é uma filosofia que abraça a diversidade. Quem aqui frequenta o ambiente do forró percebe que participam todas as etnias, todos os status sociais de todas as regiões convivendo em harmonia através da nossa música e da nossa dança de abraço. Então peço a esta bancada de Vereadores realmente olhar para essa lei que está em trâmite, para aprova-la de maneira rápida, porque ela contempla toda a periferia, o Centro, qualquer lugar, porque estamos em qualquer lugar, em todos os lugares, inclusive, dentro da Câmara, haja vista que o próprio Zé da Lua, falando do Movimento SP

Forró, perguntou quantos nordestinos temos aqui.

Se nós perguntarmos para a Câmara sobre a população de nordestinos, filhos e netos, dentro da própria Câmara, vamos ver que é muito grande.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Obrigado, Isabel.

André Lima do Nascimento.

A SRA. ISABEL SANTOS - Concluindo. Eu gostaria de fazer um momento que vocês apoiassem o Movimento.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Por favor, fotografem, registrem.

A SRA. ISABEL SANTOS - Para o registro aonde nós encontramos *Face* e *Youtube*, Forró Patrimônio Cultural, por favor, nos apoiem e ajudem a causa.

Obrigada. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Registrado.

André Lima Nascimento, depois Amanda Bispo Ferreira da Silva.

O SR. ANDRÉ LIMA NASCIMENTO - Bom dia. Meu nome é André, sou aluno da Escola Municipal de Música, estudo contrabaixo. Venho da comunidade Heliópolis, meus pais são nordestinos também. A maior preocupação dos meus pais, quando saíram do Nordeste e vieram para São Paulo, para buscar uma situação melhor de vida para eles e seus filhos, foi ter trabalho.

Uma coisa que meu pai prezava muito era que eu tivesse um estudo e me profissionalizasse, foi a maior preocupação de vida do meu pai. Dentro da favela a gente tem pouca perspectiva. O que a gente enxerga é o que está à nossa volta e não é uma situação muito bonita.

Graças à Escola, tenho acesso a um curso profissionalizante, onde tenho aula com mestres e doutores que estudaram no Brasil e fora. Isso me garante uma perspectiva muito maior e me coloca num ambiente que outras pessoas da periferia acham que não é para elas,

que é inacessível.

Projetos como a Escola de Música que são gratuitos dão espaço para que a gente possa estar nesses ambientes, que dizem são elitizados, mas são ambientes de todos. Graças à Escola tenho o direito de estudar música clássica, dizem que não é para pobre, mas é para todo mundo a música clássica. A Escola de Música está aí para provar isso e eu estou aqui para defender a Escola, porque educação é tudo o que a gente precisa e a gente não precisa de cortes nisso.

Obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Próxima Amanda Bispo Ferreira dos Santos.

A SRA. AMANDA BISPO FERREIRA DOS SANTOS - Boa tarde. Sou Amanda, tenho 22 anos, estudo canto lírico na Escola Municipal de Música há três anos.

Como o André, também venho da periferia, de São Mateus. Eu bato na mesma tecla de que a escola é para todos. A Escola Municipal de Música mudou a minha forma de ver, me ajudou a ingressar no mercado de trabalho como cantora, onde trabalho já há algum tempo.

Entrei lá com pouco conhecimento do universo da música erudita e a Escola abriu meus horizontes a tal ponto que comecei a me inscrever em festivais pelo Brasil, consegui passar e participar. Não tenho dinheiro para isso. Meus pais não têm condições de pagar uma universidade para mim, nem um curso. Eu corri atrás de tudo isso e a Escola abriu as portas para mim.

Depois que participei de festivais pelo Brasil, ainda consegui tomar parte do festival internacional, fui representar o meu país, a minha Escola, na Alemanha.

Isso me comove, porque não tenho condições de pagar. Venho da periferia, meus pais são de lá e a gente consegue alcançar isso. É comovente. A Escola alimenta sonhos.

Então nós precisamos da ajuda de vocês.

Muito obrigada. (Palmas.)

- Assume a presidência a Sra. Soninha Francine.

A SRA. PRESIDENTE (Soninha Francine) – O próximo inscrito é o Sr. Sérgio Dala Paloma.

O SR. SÉRGIO DALA PALOMA - É bem rapidinho, para não tomar tempo dos Parlamentares, também porque eu estou com fome.

É o seguinte, gente, primeiro eu queria fazer uma provocação. Queria saber se o pessoal da Secretaria de Cultura sabe criar cultura. Nós estamos falando de São Paulo. A gente vê mais desmonte da Secretaria do que investimento, para mim esses mapas todos ficam mais difíceis de entender. A gente não conseguiu concluir a faculdade, essas coisas todas, a gente é pé no chão.

Segundo a Câmara, os Parlamentares aí, eu gostaria, se possível, que olhassem um pouco mais para a cultura e o que estão fazendo pela cidade de São Paulo.

É só isso, gente. Obrigado. (Palmas.)

A SRA. PRESIDENTE (Soninha Francine) – A próxima inscrita é a Ana Souto. Em seguida, Tiago Vasconcelos.

A SRA. ANA SOUTO - Boa tarde a todas e todos. Estou aqui para falar em nome do Sindicato dos Artistas e Técnicos de São Paulo, mas também como diretora teatral, dramaturga e atriz em São Paulo.

Eu pensei em vir aqui para reforçar o recado de tantos colegas, no sentido de que nós temos vindo aqui, ano após ano, basicamente, para dizer a mesma coisa: é indecente, é intolerável, o pouco apreço que, de modo geral, governo após governo, o fomento à cultura é tratado. É como se tratasse de algo que afeta ou afeito, especificamente, apenas ao entretenimento, à perfumaria, porque, na prática, nós sabemos que as relações da cultura, da atividade cultural, se espraiam por muitos setores sociais.

Todo real investido em cultura não apenas sustenta os trabalhadores da cultura, como também alimenta uma longa cadeia econômica.

Era disso que eu queria falar, para dizer, inclusive, que a imensa maioria dos trabalhadores da cultura, da cidade de São Paulo, não goza de direitos trabalhistas. Sou sindicalista, tenho que lembrar isso. A gente vê no Sindicato a maneira como os artistas e técnicos, pessoas que sustentam o dia a dia da cultura, como que eles chegam ao fim da vida. Em que condições de vida, sem condições de habitação, sem condições, muitas vezes, nem de ser enterrados.

Eu ia fazer uma fala muito pontuada na questão econômica, mas a presença do Pagé me comoveu muito.

E eu acho que consegui uma metáfora para resumir a situação, Srs. Vereadores, a pirâmide está invertida no Brasil e na política da cultura de São Paulo. Os donos da terra, os habitantes originais desta terra, são os que menos gozam de apoio e obtenção de subsídio, ou sequer de respeito pela sua atividade. Se nós verificarmos, olharmos com um olhar apurado mesmo para este orçamento, a gente vai ver que isso se reproduz em todas as instâncias.

As melhores condições estão naqueles setores que são afeitos a tudo o que está cada vez mais longe da base. Em outras palavras, para trabalhar duro sem ser respeitado, com poucas condições, há um jeito: é se dedicar à Educação, ao trabalho de base, ao trabalho de ponta. Isso nos garante as piores condições.

Então, eu gostaria de fazer um apelo emocional, para que os senhores se esqueçam de todos esses números e firmem entre si o compromisso de refletir se, de fato, é justo um corte na Cultura, ou se ela deveria ser duplicada, se o seu orçamento deveria ser duplicado. Ainda, se deveria ser tolerado que o orçamento da Cultura não fosse executado *in totum*, porque não é possível que menos de 0,5% do orçamento global da Prefeitura faça tanta diferença assim para que justamente os mais penalizados, os trabalhadores mais penalizados, os que mais contribuem para um amplo setor de problemas, na Municipalidade, tenham de

pagar por isso. Como disse o nosso companheiro, ainda mais em um momento em que temos um superávit, quer dizer, temos um crescimento da arrecadação da Prefeitura.

Muito obrigada. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Soninha Francine) – Tem a palavra o Sr. Tiago Vasconcelos.

O SR. TIAGO VASCONCELOS – Boa tarde a todos.

Acho que toda vez – e venho aqui todo o ano – que comparecemos aqui, na verdade, estamos brigando pela Cultura, mas estamos discutindo um projeto de humanidade.

Eu vou fazer uma defesa, tentar fazer em três minutos, porque eu acho que esse projeto de humanidade das pessoas da Cultura passa pela crítica ferrenha do liberalismo e passa pela crítica ferrenha do autoritarismo.

Tem uma piada que diz o seguinte: Joãozinho e Maria estavam na escola e a professora disse: “Ah, o elefantinho quando cruza com a elefantinha nasce o coelhinho”. A Maria, ao chegar em casa, disse para a sua mãe o que a professora havia ensinado. A mãe de Maria, então, foi falar com a professora: ‘Olha, professora, você está ensinando um absurdo para a minha filha. Elefantinho com elefantinho, nascem elefantinhos’. E, aí, a professora falou: ‘Aconteceu o seguinte: eu disse que elefantinho com elefantinho, nasciam elefantinhos. “Mas a nossa escola é democrática e colocamos em votação, e como o Joãozinho é muito popular e ele disse que elefantinho com elefantinho nasciam coelhinhos, a turma votou e deu que elefantinho com elefantinho, nascem coelhinhos”’.

Esse é um dos problemas que temos ao acharmos que o principal vetor da democracia seja o voto. O voto é uma das liberdades democráticas e individuais necessárias para que estejamos e pertençamos a um regime democrático. O outro, por exemplo, e aí já vou fazendo uma crítica à Secretaria que aí está, é observar as conquistas históricas e as leis criadas historicamente.

Portanto, quando a Secretaria impõe coisas ao plano de trabalho em projetos de

fomento, por exemplo; quando a Secretaria modifica datas de pagamento, disciplinadas por lei; quando a Secretaria modifica coisas que estão sacramentadas em lei, a Secretaria está dando um passo em direção ao autoritarismo.

É óbvio que a Secretaria tem todo o direito de implementar as suas posições políticas, através de editais e tudo o mais. Mas por que nós, da Cultura, lutamos tanto por políticas estruturais e estruturantes? Foi justamente para garantir que, na diversidade que, na diversidade e na troca de Governo, existam políticas de Estado e não só políticas de Governo. Isso é fundamental para que garantamos outras partes da democracia que estão conjuntamente com o direito ao voto. Quando o Secretário modifica essas leis, passa por cima, usa do seu arbítrio e, portanto, de certa autoridade exacerbada, que poderíamos classificar como particularidades do autoritarismo, algo absolutamente inaceitável para aqueles que defendem a democracia.

Sobre o projeto de humanidade, uma pessoa muito amiga minha me disse uma vez que o presente é consequência do futuro. Eu disse a ela que ela tinha se confundido, pois o futuro é consequência do passado. Ela, então, me disse que o presente era consequência do futuro porque, por exemplo, quando se entra num curso de teatro é porque o futuro pensar, fazer teatro faz com que o presente comece a construir o teatro; a mesma coisa quando se entra num curso de culinária, já se imaginar, no futuro, trabalhando com comida. Desculpem-me falar nesse tom, parecido com discurso intelectual e professoral, mas é importante falar assim hoje em dia, já que uma das características principais de dois regimes muito cruéis para a humanidade, o Stalinismo e o Fascismo, tinham como característica o combate ao intelectualismo. Por isso, é importante que nos armemos das palavras, de projetos e de citações. Isso não é crime.

A ideia de imaginar o futuro nos está sendo tirada. Quando imaginamos um futuro com menos violência, menos problemas, imaginamos um futuro que, talvez, precisemos muito pouco do que chamamos hoje de segurança pública; um futuro em que não haja violência vai

precisar de uma parcela muito pequena do que chamamos de segurança pública. Cortar a cultura de hoje significa não imaginar o futuro onde haja teatro, música, dança, e é preciso imaginar outro futuro. A cultura não vai deixar de existir nunca, e é preciso imaginar um futuro que tenha arte e, para isso, o presente não pode negar isso. Quando se corta a verba da cultura, está-se negando esse pensamento de futuro. É isso o que significa. Não vimos aqui todos os anos numa função corporativa de conseguir um dinheirinho para essa ou aquela Secretaria.

A terceira e última característica, uma armadilha na qual não podemos cair, característica do Fascismo e dos regimes autoritário, é quando a classe começa a brigar com seus pares, a categoria brigar entre si. Vamos nos reunir – todos nós, de todas as áreas, da diversidade cultural, de todas as linguagens – e exigir que o Governo banque a universalidade das necessidades da primavera cultural que São Paulo teve.

Obrigado, pessoal. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Soninha Francine) – Tem a palavra o Sr. Jesus dos Santos.

O SR. JESUS DOS SANTOS – Fiquei pensando em trazer o áudio do ano passado, porque as condições em que nos encontramos hoje não são muito diferentes das dos últimos três, quatro anos; a única diferença é que o Secretário não topa mais discutir conosco o Orçamento da Cidade. Seria muito fácil dialogar com os artistas da Cidade, pois esses, há muito tempo, já se mostraram dispostos a dialogar a fim de construir uma verdadeira política cultural na cidade de São Paulo que contemple não só os artistas do Theatro Municipal, mas também os da periferia da Cidade, que continuam morrendo nas mãos do Estado.

Temos falado tanto de mudança na cultura, de que o fazer artístico possa ser uma porta para outras possibilidades, mas não vou mais cobrar essa responsabilidade da Secretaria – embora nela haja pessoas que me façam sentir vergonha de fazer parte disso. A Casa de Cultura Municipal do Hip Hop está parada até hoje, e vocês, que estão falando tanto do hip

hop, não conseguiram colocar em prática essa política pública que muito provavelmente contribuiria para o desenvolvimento social daquela galera.

Acredito que cabe aos Vereadores desta Casa – à Sâmia; à Soninha; ao Isaac Felix, que já foi Secretário da Cultura de Embu das Artes; ao Jair Tatto; ao André Santos – essa responsabilidade de tomar medidas para que a Cidade não receba repasse zero para a Pasta da Cultura. Se, em algum momento, existir um dinheiro, vai ser para o processo de privatização das casas de cultura, das bibliotecas e dos centros culturais que a Cidade está propondo.

Já que o Vereador Jair Tatto propôs destinar uma rubrica especificamente para o samba, minha proposta é que S.Exa., juntamente com o relator da Comissão, marque uma reunião conosco ainda esta semana para que possamos juntar todas essas demandas e propostas e incorporá-las ao projeto do Orçamento na sua primeira votação, que ocorrerá a partir do dia 20 de novembro, quando será realizada a última audiência. Além disso, não ainda aumentar o Orçamento se a execução não muda nada e fica a critério do tal Secretário de Cultura ou da Fazenda. O que esta Casa precisa urgentemente é incorporar ao texto da emenda da LOA 2019 algum dispositivo ou mecanismo que minimamente faça a Secretaria Municipal de Cultura cumprir a execução de todos os programas, todos os editais e todo o orçamento nele estabelecido.

Esse será o primeiro passo desta Casa para dialogar com a sociedade civil. Caso contrário, diante da conjuntura atual, a Câmara também será responsável pelo desemprego em massa de artistas da periferia.

Estamos juntos, família. É isso. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Soninha Francine) – Tem a palavra o Sr. Fabrício Togni.

O SR. FABRÍCIO TOGNI – Boa tarde a todos. Peço licença. Sou o Fabrício, mais conhecido como Jah Fyah Elijah, diretor da Associação Nacional Reggae e representante do Rastafari United Front, uma organização internacional.

Estou aqui para falar justamente da importância da cultura. É interessante minha presença aqui, porque o reggae foi muito bem contemplado este ano e no ano passado, quando conseguimos atingir algo inédito em 30 anos ou mais de história – porque essa luta não é só minha, mas também dos que vieram antes. Primeiramente, fomos humilhados pela gestão passada da Secretaria de Cultura e, depois disso, estabelecemos uma estratégia, porque, como filho de Ogum, não entro numa batalha sem estratégia. Deu muito certo apresentarmos-nos à Secretaria não mais como cidadãos brasileiros, mas como uma nação rastafári, conversando de Governo para Governo, já que, em São Paulo, mais de 60 mil pessoas consomem e vivem o reggae.

A rubrica destinada ao reggae no Orçamento era de mil reais! Esse valor era o que tínhamos para milhares de trabalhadores pais de família como eu, que trabalham, vivem e sustentam sua família por meio da música; quando não, muitos outros que financiam seu trabalho musical, sua carreira artística através do crime.

A gente conseguiu reunir mais de 90 pessoas nesta Câmara, a gente lotou aquele lugar, e só por a gente chegar lá e pressionar, o Nomura colocou 180 mil para a gente. Depois a gente conseguiu um edital para o *reggae* de 500 mil. Vocês não imaginam o que essa merreca transformou a cultura *reggae* e rastafári; vocês não imaginam o que foi para a Associação Nacional Reggae vencer o edital da música. E numa região periférica, com mais de 15 favelas, a gente está agora com projetos de capoeira, de música, de dança, de agroecologia, de horta urbana.

O mais interessante é que eu não estou aqui para falar sobre o *reggae*, não. Eu estou aqui para falar sobre o PIA, sobre o Vocacional, sobre outras linguagens que estão sendo cortadas, porque estão cortando a cultura. A gente vive num país que tem 55 mortos, assassinados, por ano. Na guerra do Iraque, em um ano foram 25 mil. Na guerra do Afeganistão foram 19 mil. A gente está vivendo uma guerra, uma guerra não declarada, e quem morre são os pretos, os indígenas, os periféricos.

Tenho o máximo respeito pela música, pelos projetos culturais do Municipal, mas muito me admira ver eles lotarem estas cadeiras, fazerem a apresentação deles e saírem. Isso mostra o que meu mestre Sérgio falou – um dos meus mestres: carreira solo. Eu podia estar na carreira solo aqui, pedindo mais dinheiro para o *reggae*, mas estou aqui lutando pela cultura, porque, Srs. Vereadores, se vocês querem um país diferente, uma cidade diferente, é por meio da cultura.

Eu falo por mim, falo pelos jovens da Associação Nacional Reggae, que metade deles era gerente de biqueira. Eles aprenderam outro crime, aprenderam que tem um crime muito melhor do que dar tiro, trocar tiro com polícia: que é o crime da música. Por que eu chamo de crime? Porque aqui no Brasil isso é crime.

E a gente está vendo agora um candidato fascista – eu não queria tocar nesse assunto, mas é impossível -, um candidato fascista vir aqui para limar tudo isso e aumentar esse número de 54 mil para mais de 50 mil mortos. E a gente sabe que a burguesia não vai ser atingida, porque o burguês tem dinheiro para pagar uma arma, o burguês tem dinheiro para estar com a polícia do lado dele, o burguês tem dinheiro para andar de carro blindado. É isso, família. É muito difícil para a gente ver um corte tenebroso na cultura e depois ver um incentivo ao armamento.

Será que a gente está ficando louco e não está percebendo que é um plano de extermínio? Será que a gente está ficando louco e não está percebendo que eles ali... Eu sou padrinho do Santo Daime, eu tenho uma igreja de Santo Daime. Eu tenho uma dívida com os indígenas. Eu tomo ayahuasca, eu consagro ayahuasca e eu sei o que está acontecendo com os indígenas deste país desde lá, desde mais de 500 anos. Se não fosse o Cacique Ubirajara, que chegou na “playboyzada” e mostrou que existe outro caminho, e conseguiu com muito esforço trazer algumas pessoas da elite para entender a situação que a gente está vivendo e fortaleceu os índios, os jovens indígenas não teriam nenhuma esperança.

Sabem o que está acontecendo em muitas aldeias? Muitos jovens conheceram o

Ubirajara e estão vendo o Ubirajara andando de Hylux, estão vendo o Ubirajara usando relógio, relógio caro. Sabem como ele fez isso? Utilizando as medicinas da cultura indígena, valorizando a cultura indígena. E esses jovens que estavam entrando para o crime, que estavam abandonando a tradição, devagar eles estão voltando.

Então como eu vou chegar para o jovem na Associação e falar: “Meu querido, meu filho, vai fazer música porque é bom para você; vai trabalhar com agroecologia; vai trabalhar com bioconstrução”, se ele vai me ver fodido, ferrado, se ele vai ver os que estão lá comigo na mesma situação, tendo que trabalhar por fora para sustentar o sonho, para sustentar uma carreira?

É muito preocupante para mim o que está acontecendo neste momento aqui. E, para concluir, quero falar uma coisa que eu ouvi aqui. A gente acredita nessa ilusão de que a gente precisa votar certo. Quer dizer que, se eu votei errado hoje, eu vou ter que ficar quatro anos amarrado e ainda vou ter que ouvir da mídia que a culpa é minha, porque eu não soube votar? Não, família.

A gente tem que se unir de verdade e tem que estar aqui. Quantos do *reggae* eram para estar aqui e ficaram lá fora porque aqui estava lotado? E digo mais: no próximo orçamento a gente vai estar aqui com nossos tambores também, porque se aqui é lugar para falar e para fazer apresentação artística, a gente também tem apresentação artística para fazer. Mas acho que essa não deveria ser a meta e o objetivo deste lugar, mas, sim, a gente se organizar como sociedade, se organizar como músicos, como artistas e cobrar o poder público frente a frente.

Mais do que isso: estratégia, família, estratégia, porque a gente não percebeu ainda que eles são minoria. Graças a Deus, quando entraram as cotas nas universidades, um milímetro do povo conseguiu ser mais representado. E a gente é obrigado a ouvir que isso é mimimi, que isso é vitimismo. Então, na moral, família, quando eu vejo – desculpem falar o nome -, quando eu vejo Jesus aqui, esse irmão na bancada ativista, lá como deputado, eu falo: “Família, é esse o caminho que a gente tem que seguir”. A gente tem que parar de ficar aqui

pedindo para os políticos e nós sermos os políticos, porque só a gente da gente é que vai entrar e fazer a diferença.

Quando eu fui tocar nas casas de cultura, fui muito bem recebido, pessoas maravilhosas, mas equipamentos precários. Você acha mesmo que um jovem da periferia, que tem o pancadão ali, que tem o tráfico ali, que tem tudo aquilo do lado dele, vai parar o que ele está fazendo para ir a um equipamento precário? Não vai, porque também não tem investimento e *marketing*, não tem uma forma de pescar esses jovens e trazer eles para dentro.

Então essa é a crítica que eu venho trazer. Para concluir: vocês reduziram o orçamento da Cultura, vocês estão criando um monstro, estão criando monstros que vão refletir. E vocês acham que o plano de extermínio vai dar certo, mas só vai gerar mais guerra. Da mesma forma que vários jovens morrem, vários desses aqui morrem também. Vários policiais estão trocando tiro com gente da própria gente, morrendo nas favelas. Então não é uma coisa que atinge só a periferia, não. É uma coisa que atinge o Brasil inteiro.

Então eu estou aqui em favor do povo, da capoeira, dos tambores, do *reggae*, mas acima de tudo não vim fazer carreira solo, estou aqui para fortalecer a cultura.

Muito obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Soninha Francine) – Agora o 30º e penúltimo inscrito, Cacique Aundê; depois dele, Pajé Laui.

O SR. CACIQUE AUNDÊ – (O orador profere palavras indígenas) Boa tarde para quem é de boa tarde. Eu sou Cacique Aundê, da etnia Cariboca.

Concordo com muitas coisas que foram faladas aqui. Às vezes me preocupa um pouco essa coisa de extremos, de um defender muito uma bandeira e pisar na bandeira do outro. Eu ouvi alguém citando, por exemplo, que eu assistir uma fala de um irmão *rapper*, depois ouvi uma crítica sobre aquilo que ele falou; eu assisti lá de baixo, porque não podia entrar; quando liberou um espaço eu entrei. E estão dizendo que ele não pode dar a mão para um policial, porque *rapper* e policial, *hip hop* e policial não podem andar juntos. Isso é

complicado, porque pode ter pessoa que gosta de *hip hop* e o pai, o filho ou a mãe dela é policial. Como é que a gente faz? Então eu acredito que não é bem assim que funciona.

Mesma coisa é que, na condição de indígena, todo mundo vê a gente, todos os índios de São Paulo, como Guarani. Quando eu cheguei, me chamaram para conversar, disseram: “Você é Guarani?” Então essas pessoas não sabem muito que dizer sobre cultura.

O que o irmão falou também foi muito importante, eles fez boas colocações, gostei do exemplo que ele deu, achei interessante o rapaz que saiu daqui agora, que falou da cultura *reggae* rastafári. Todo mundo está falando coisas interessantes. A gente precisa refletir sobre o que está sendo falado, esquecer um pouquinho desse ódio todo que está acontecendo e pensar no que há de positivo que a gente precisa fazer.

A gente da cultura Cariboca, indígena, a nossa mistura é negro com índio. Muita gente diz assim: “E essa cultura existe?”, então a gente ouve as pessoas fazendo críticas sobre isso. As pessoas ainda querem questionar quem é e quem não é índio. Se eu estou hoje com essa jaqueta, as pessoas dizem: “Esse índio está com esse tipo de roupa?”. Então eu ouvi pessoas falando muitas coisas aqui. A gente não pode defender uma bandeira única; a gente tem que defender uma bandeira coletiva. Não adianta ficar falando só do *reggae* ou só do índio ou só do negro, da capoeira ou do clássico que estava aqui.

Esse tipo de coisa que aconteceu aqui não pode acontecer. A gente não pode ver pessoas saindo antes de ouvir a parte do outro. Foi muito lindo o que eles tocaram aqui, muito bom aquele som, mas eles precisam ouvir nossa realidade também. Então não funciona assim, não é a gente ouvir um pouquinho e sair. A gente tem que sentar às 10h e sair às 15h, quando todo mundo acabar, para um entender a dor do outro, senão o branco não entende a dor do preto, o vermelho não entende a dor do amarelo. É assim que precisa funcionar.

Não se pode dizer mal de um policial, eles estão aqui para fazer segurança, eles não são culpados de ir atrás da segurança e prender alguém. Maus profissionais, maus policiais, maus indígenas, maus negros, maus *rappers*, maus políticos existem em tudo que é

lugar. Atrás de tudo isso que eu falei existem pessoas, seres humanos. A gente erra e falha, então não adianta apontar dedo e culpar, porque é policial, porque é *rapper*.

O que eu fico chateado é ver que de repente muita gente desertou aqui. Eu quero só fazer uma colocação. Recentemente a gente fez um projeto. Nós, como Caribocas, nunca fomos contemplados com um projeto de iniciativa pública. Sempre somos ajudados por pessoas que chama a gente para fazer apresentação, compram artesanato e pagam um cachê pela apresentação.

Pela primeira vez a gente resolveu... A gente não acreditava muito nesses projetos, achava que tudo era uma marmelada. A gente resolveu escrever um projeto, mas dessa vez para falar um pouco sobre a história do Pajé Laguna, que é o líder principal da etnia Cariboca. A gente viu a história do Ministério da Cultura, viu o edital Prêmio Selma do Coco e resolveu fazer. Eu fiz esse projeto homenageado meu pai que, graças a Deus está vivo aqui, é o Pajé Laguna. E a gente recebeu ontem a notícia, pelo edital, de que ele foi contemplado. Muito difícil esse prêmio, que é um prêmio nacional, e ele conseguiu ser contemplado com a história de como ele está resgatando a cultura, como ele defende a bandeira.

E não é só indígena, porque, toda vez que a gente faz uma apresentação em São Miguel, em tudo que é lugar, a gente está sempre junto com o povo nordestino, o povo da capoeira; todos os povos que aparecem a gente sempre integra com os índios, porque todo mundo aqui tem um antepassado indígena, então tem que respeitar isso.

Eu fico muito feliz e gostaria que as pessoas dessem uma salva de palmas para homenagear o Pajé Laguna, que foi um prêmio muito bom. (Palmas)

Para finalizar, para não me estender muito, é só isso que eu gostaria de deixar para as pessoas que estão aqui: aqui pede, aqui reivindica, mas quem consegue botar isso para funcionar é quem está sentado nessa mesa aqui. E essas pessoas conseguirem olhar, quer dizer, cultura nordestina... Qual é a cultura de São Paulo? São Paulo é misturado, São Paulo tem de tudo, tem mineiro, tem nordestino, tem índio, tem de tudo, mas as pessoas não

conseguem ver isso.

Então tem que fazer um plano de cultura integrada, tem que integrar, índio e negro se abraçarem, índio com branco se abraçarem, não ter discriminação de forma alguma. Mas esse tipo de trabalho só vai acontecer se essas pessoas que estão aqui pensarem nisso, em fazer uma integração de cultura, não individualizar. Quando você cria pequenos editais para cada uma das coisas, você está fazendo os irmãos brigarem na faca para ver quem vai tirar um pedaço daquele edital. Isso não está legal, então tem que se pensar em coisas que envolvem todo mundo. O povo que está na política, com todo o respeito, faz a diferença; e a gente é índio, mas a gente vota. A gente elege pessoas acreditando que elas vão representar aquilo que a gente está pedindo lá. É isso que eu queria deixar aqui como uma observação.

Eu estranhei quando entrei e uma pessoa me perguntou se eu era Guarani e quando eu disse que não, que parte mora em São Mateus, Jardim Rodolfo Pirani, Jardim das Laranjeiras, Jardim Iguatemi, Guaianazes. Aqui na região da zona Leste tem pessoas nossas caribó em tudo quanto é canto. Apesar da nossa aldeia onde construímos e praticamos a nossa cultura sempre foi em Pariquera-Açu, Vale do Ribeira, porque foi lá que conseguimos colocar o nosso povo. Mas essas pessoas que estão aqui é que precisam mostrar isso, fazer um plano de cultura que mostre que tem outro tipo de índio que não é guarani, além dos nossos parentes guaranis. E isso precisa ser mostrado para todo mundo.

Espero que fique esse pensamento nosso, a nossa visão enquanto cariboca, o que pensamos sobre cultura e o que a gente está vendo no dia a dia, nessa conversa.

Um grande abraço, boa tarde a todos. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Soninha Francine) – A última inscrição é do Pajé Laui.

O SR. PAJÉ LAUI – Boa tarde. Tenho o máximo respeito com todo mundo que ficou até o final e estão ouvindo todos os irmãos falarem sobre a sua dor, como o cacique falou.

Represento a ocupação cultural Coragem, Sarau Tem Coragem, que fica na Cohab

2, Itaquera. É uma ocupação em um espaço que era um mercado, ficou 17 anos desabitado, com noias morando lá, depois as pessoas em situação de rua. A prefeitura e a Cohab não faziam nada, o imóvel é da Cohab que não fazia nada em relação a isso. Nós ocupamos com finalidades culturais, temos vários eventos culturais. É um espaço aberto para que outros coletivos usem o espaço. Então, venho não pedir rubrica referente às ocupações culturais, venho pedir para que a Secretaria de Cultura atue junto às ocupações culturais que sofrem assédio da especulação imobiliária a todo momento. Estamos com um processo com a Cohab, brigando para ter a reintegração de posse do local. Não só isso, também nos saraus da quebrada que acontecem em praças e locais públicos e a polícia sempre chega junto, Guarda Civil. Então, temos de ter essa proteção porque estamos fazendo o trampo que vocês não estão fazendo. É importante que vocês cheguem com a gente nesse sentido de fazer a proteção dos periféricos que estão fazendo cultura e tentando levar perspectiva melhor aos seus da quebrada.

Estou falando por último porque eu estava trabalhando. O maestro veio falar que a gente veio defender o nosso trabalho. Quem aqui não veio defender o seu trabalho? Só ele veio defender o trabalho dele, bonitão? E ainda vai embora.

Queria falar isso porque realmente os meus irmãos estão falando que precisamos nos unir e é isso que precisamos: cobrar da Secretaria que faça o trabalho dela. A gente está fazendo a nossa parte, instruindo os nossos, que é o trabalho deles. Por que eles não podem pelo menos proteger do assédio da polícia, da GCM, e da especulação imobiliária?

É isso. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Soninha Francine) – A palavra volta para a Mesa. Pergunto para a Vereadora Sâmia Bomfim se vai se manifestar hoje.

A SRA. SÂMIA BOMFIM - Não quero tomar muito tempo porque também já está adiantada a hora, todo mundo tem outros afazeres.

Vou fazer um breve comentário. Dei uma observada no relatório que foi feito pela

Comissão de Orçamento, que na verdade não é a minha, mas vim acompanhar essa audiência, e fiquei muito preocupada porque existem muitas rubricas que estão em aberto, ou seja, que foram criadas em anos anteriores e que para esse ano não tem a previsão nem de zero real, de absolutamente nada. Isso significa algumas coisas, primeiro, que irão desaparecer, porque se não tem dinheiro, se não tem de onde tirar, quem vai financiar para que esses projetos sigam acontecendo ou que vão ser feitos de outra forma, de rubricas que estão de forma mais abstrata e que vão ser redirecionadas para essas áreas. Caso seja isso, de que modo será dada a pressão política para que seja feita essa transmissão, essa destinação de recursos? Vai ser por pressão interna? Por lobby de vereador? Por lobby de setores que estão mais próximos da Secretaria da Cultura ou de fato não haverá investimento nenhum para essas áreas?

Outro elemento que me preocupa muito é um pouco da tática que já é usada há muito tempo, que já é consolidada, que é a de dividir para governar. A gente vê aqui, às vezes, uma categoria ou um setor lutando um contra o outro, como se o teatro fosse antagônico ao reggae, como se fosse antagônico ao hip hop, ou à cultura, mas são todas expressões culturais necessárias para exista a formação, o desenvolvimento humano e a sua plenitude. E para que exista desenvolvimento social, para que exemplos como os jovens que vieram falar não se tornem uma exceção, ou não se tornem só histórias que são bonitas e necessárias de superação de uma condição de pobreza, de miséria, de vulnerabilidade. Mas que torne realmente um projeto de nação, de cidade, de sociedade.

É muito lamentável que estejamos passando por esse processo em que existe um aumento do recurso do Município ao mesmo tempo em que tem corte justamente nas áreas sociais, na área da cultura. O que explica isso? Isso casado com projeto de país, que vem sendo discutido e falo isso porque já foi mencionado aqui, eu fui eleita deputada federal, mas um dos candidatos disse que queria acabar com o Ministério da Cultura. Ou seja, para que vai servir esses exemplos “todos bonitos e interessantes de superação da pobreza, da miséria, de

formação humana, com um projeto de país em que se quer acabar com o Ministério da Cultura, e no município você simplesmente extermina áreas que são fundamentais”.

Outra coisa, uma garantia de verbas para eventos que acontecem e são importantes, para atividades dos bairros e setores da sociedade, mas projetos de fomento, de formação, de desenvolvimento, que garante inclusive o trabalho de milhares de pessoas não têm verba nenhuma, zero real. O que isso significa? É a destruição de vidas, é o aumento do desemprego, é devolver essas pessoas para uma condição de marginalidade que elas conseguiram superar.

Eu não vou estar aqui como vereadora nos próximos anos, até pelo fato de ter sido eleita, mas vai entrar o meu suplente, Celso Giannazi, que já coloco o mandato dele, o nosso, para seguir em diálogo com vocês, porque não é possível observar isso de olhos fechados, não é possível que isso siga se perpetuando como regra em nosso município, em nosso país. E não é possível que a gente siga com essa dinâmica de tentar dividir os setores em vez de garantir a cultura e arte como um direito de fato constitucional, e municipal, como ele é.

Então, dialogar com os demais membros desta comissão, no caso a Soninha, para que se construa um relatório, uma contraproposta para ser enviada ao governo que não seja baseada nessa política de extermínio da cultura e conseqüentemente da violência e o extermínio de tantas vidas.

Temos uma responsabilidade muito grande com os nossos jovens e com os trabalhadores que se desenvolveram pela cidade. Da forma como está, é impossível ir adiante. E o Sturm, desde que assumiu, me desculpem os representantes da Secretaria da Cultura que estão aqui, é uma vergonha que ele não esteja aqui, já veio presente. Não veio por quê? Os secretários de maneira geral costumam vir, inclusive, mudou isso na gestão Doria para Bruno Covas. É preciso admitir que os secretários começaram a vir mais na Câmara, a participar das comissões. Por que o Sturm não vem? Ele já fez uma série de barbaridades, ameaçou bater em trabalhador da cultura. Por que ele se recusa a vir aqui num espaço como este? Dialogar,

dar cara a tapa. Precisa mandar enviados, por que não tem coragem de assumir essa proposta tão vergonhosa?

Enfim, acho que seria o momento de repensar o que ele está fazendo com a Cidade. Com tantos projetos culturais que já foram desenvolvidos. Ele vai querer coadunar, ser parte desse projeto de destruição, de extermínio da cultura de tantos trabalhadores e jovens da cidade de São Paulo? É uma vergonha que ele continue nesse cargo, espero que seja repensado no próximo período.

Obrigada. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Soninha Francine) – Vereadora, por erro nosso, da comissão, não informamos que o Secretário André Sturm está participando de um evento em Copenhagen, de 20 a 25 de outubro, *City for Young Children*. E ele pediu para mudar a data da audiência pública porque ele sabia com bastante antecedência que não estaria aqui, mas não aceitamos mudar porque o calendário já estava muito apertado. Então, ele justificou a ausência e tentou buscar outra data para estar presente.

A SRA. SÂMIA BOMFIM – Eu entendo, Soninha, mas não é a primeira vez que isso acontece. Na verdade, ele nunca vem, nunca vem.

A SRA. PRESIDENTE (Soninha Francine) – Continuando, de volta com a palavra para o Poder Executivo. Eu não sei se vocês têm preferência de quem fala primeiro. A Fazenda vai se manifestar? Por favor.

O SR. AHMED SAMEER EL KHATIB - Em nome da Secretaria da Fazenda, eu agradeço mais uma vez a oportunidade de falar e explicar um pouco mais sobre essa tarefa extremamente árdua e sensível que é elaborar o orçamento da Cidade.

Eu só queria destacar alguns números, o orçamento da cidade de São Paulo para o ano de 2019 foi estimado em 60 bilhões, 137 milhões, 660 mil, 56 reais. Desses 60 bilhões, 21,3% devem ser destinados para a Secretaria Municipal de Educação; 16,4% para a previdência; 17,6% para a saúde; 14,3% para os encargos gerais do Município que incluem a

dívida com a União; 5,6% para a Secretaria de Transportes e 3,5% para varrição e coleta de lixo. São 80% do orçamento, então, a nossa tarefa, da Secretaria da Fazenda é acomodar o restante em todas as demais secretarias, em todas as demais necessidades que entendemos que são sensíveis. Todas, cultura, habitação, assistência social, direitos humanos, a gente não entra no mérito. O que há é uma destinação de recursos.

Se a gente observar o que foi dito por membros da sociedade, por representantes da cultura, se observarmos a evolução do orçamento da cultura percebemos que a execução tem sido baixa em relação ao que havia sido previsto, orçado. Então, em 2017, de fato foi orçado cerca de 500 milhões, sendo que foi executado 312. Em 2018, foi orçado 478 milhões, executado até o momento 230 milhões em termos de pagamentos, e 296 milhões em termos de execução. A proposta para o ano que vem é de 392, isto é, acima da execução prevista para 2018. Então, é importante ressaltar isso que para o ano de 2019 houve a necessidade dessa acomodação. Isto é, apresentar um orçamento mais próximo da realidade, que se traduz pela execução orçamentária da Cidade.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. PRESIDENTE (Soninha Francine) – Respeito ao orador.

O SR. AHMED SAMEER EL KHATIB - Esses são os dados oficiais da cidade de São Paulo. Então, o desafio da nossa parte, nós nos colocamos à disposição para esclarecer qualquer outra dúvida. Temos feito isso em todas as audiências, é o terceiro ano que participo das audiências, principalmente o Secretário costuma vir nas primeiras e nas últimas, mas sempre os nossos representantes estão aqui para explicar as premissas utilizadas para elaboração do orçamento, peça única da Cidade. Agradeço a oportunidade e me coloco à disposição em nome da Secretaria da Fazenda.

A SRA. PRESIDENTE (Soninha Francine) – Passo a palavra para a representante da Secretaria da Cultura.

A SRA. MARÍLIA ALVES BARBOUR - Obrigada. Eu recebi uns dados, para o

samba nós investimos 1,4 milhão de reais nesse ano; o reggae, 1,4 milhão de reais; o circo recebeu este ano um apoio de um edital de quatro milhões, mas o Festival Internacional de Circo de 1,2 milhões de reais.

Foi dito que não investimos em obras, não é verdade. Temos 35 obras em andamento na Secretaria Municipal de Cultura. A intenção nossa é dar andamento a essas obras e também reformar todos os equipamentos que precisarem de reforma, melhoria de infraestrutura, etc.

Forró, já tinha dito, mas repito, tem uma programação especial que se chama Circulação de Forró, que foi lançada este ano nas casas de cultura, então, tem o apoio ao forró.

Temos também o Centro de Memória do Circo. Fizemos parceria com dois coletivos, o Munguzá e o Pirituba. É uma informação importante, é uma atuação da Secretaria da Cultura.

Em relação à fala do Rudi Fran sobre o André não vir, de fato ele tinha uma agenda previamente marcada, e esta audiência foi informada em cima da hora, o André pediu para que fosse adiada e a Casa disse que não poderia adiar a audiência, mas ele viria. E ele veio em todas as outras. Eu vim representando o Sr. André e, apesar da sua fala, eu quero lhe dizer que eu sou mulher e sou forte, tanto quanto o senhor.

Eu vou dizer mais para o senhor. A Secretaria Municipal de Cultura tem, em quase sua maioria, coordenadoras mulheres. A Chefe de Gabinete é mulher. A Sra. Juliana Velho é Chefe de Gabinete. A Sra. Gabrielle é Coordenadora de Programação Cultural. A Sra. Nathalia é responsável pela formação e a Sra. Isabela, pelo fomento. A Sra. Patrícia é Diretora da Fundação Theatro Municipal. A Sra. Renata Araújo é a Coordenadora de Teatro e Centros Culturais. A Sra. Priscila é a Coordenadora das Casas de Cultura. A Sra. Raquel é Coordenadora de Bibliotecas e a Sra. Mariana Rolim é diretora do DPH.

Então, eu, sozinha, sou forte. Elas, sozinhas, são fortes e juntas nós somos

insuperáveis. Então, a sua fala não é correta. É desrespeitosa. Nós viemos representando o Secretário. Ele não pode vir porque não foi avisado com antecedência. O Sr. André viria, como veio em todas as vezes. O Sr. André sempre vem e sempre virá.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. MARÍLIA ALVES BARBOUR – Não, não faz. Ele faz política para todos. Ele faz e, só na área de fomento, neste ano, o Sr. André conseguiu publicar 70 milhões de reais em fomento. A gestão anterior, que o senhor defende, colocou 50 milhões de reais. Nós conseguimos 70 milhões de reais. Então, não é verdade. Não é verdade. Respeito! Respeito! Falamos o que é verdade. Está publicado. Vamos executar. A Secretaria executará todo o Orçamento.

- Manifestação fora do microfone.

- Assume a presidência o Sr. Jair Tatto.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Por favor, Sr. Rudi, deixe-a concluir.

A SRA. MARÍLIA ALVES BARBOUR – A ordem judicial nós estamos aguardando. Respeito! As mulheres vieram em peso e nós representamos a Secretaria Municipal de Cultura. Eu não aceito esse tipo de discurso. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Está garantida a palavra. Muito bem. Vereadora Soninha Francine?

A SRA. MARÍLIA ALVES BARBOUR – Posso responder sobre o Patrimônio Histórico?

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Não, ele já falou. Permita-me falar. Não há mais espaço para isso. Eu quero fazer, aqui, uma consideração.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Ela encerrou ou não? Sra. Marília, por favor, a

senhora tem a palavra.

A SRA. MARÍLIA ALVES BARBOUR – Das 35 obras, 14 são de Patrimônio Histórico. Das nossas Casas de Cultura e Centros Culturais, uma parcela desses equipamentos, que são 108, é Patrimônio Histórico. Então, nós estamos investindo e vamos melhorar a estrutura dos nossos equipamentos culturais.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Deixe-me fazer uma colocação sobre o Orçamento. Eu estou há seis anos aqui – há dois anos presidindo. Eu acho que tem sido uma luta.

Primeiramente, quero dizer que o Sr. Ahmed sempre se representou. Eu costumo dizer que ele é o coordenador vitalício do Orçamento, já que é todo ano. O grande debate que se faz é fazer executar. Tínhamos um compromisso, de este ano montarmos uma subcomissão para acompanhamento da Execução Orçamentária, porque colocar aqui e ali é fácil. Pode ficar tranquilo que, independentemente do que for colocado, o Relator ou a Relatora vai atender todo mundo. Atende e vocês sabem disso. O problema é a execução. Então, acho que está muito claro isso.

O Governo insiste na tese de que o dinheiro vai para a Previdência, para o Transporte. É algo velho. A Execução Orçamentária melhorou, sim. Melhorou. Se for comparar com 2017, vocês avançaram bem. Eu não sou desses presidentes que dizem que as coisas não caminham e não melhoram. Nós precisamos fazer um debate para valer na questão da descentralização do Orçamento.

O Sr. Fábio está aí. Eu nunca lembro, mas é a Comissão Permanente do Orçamento Participativo, ou seja, aquilo que se acabou. Há seis anos o Sr. Fábio acompanha, querendo retomar isso. Quando eu falo de colocar o dinheiro na quebrada, é para valer. Porém, aí, eu quero chamar a atenção de todos os lados, porque na plateia há, também, gente que não quer que se descentralize. A coragem vale para todo mundo nessa hora. Então, de fato, o Secretário mandou, aqui, a justificativa e nós comunicamos.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Sim, sim. É o que eu digo e repito: a luta é essa. Nós temos o compromisso de criar uma subcomissão para o ano que vem – não sei se estarei aqui ou não – e a própria Prefeitura falou que participaria junto, para acompanhar a Execução Orçamentária. É mais importante do que dizer, aqui, onde se vai colocar isso.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Rapidamente, para não virar um...

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Aí, eu volto a dizer: o Relator vai ouvir vocês. Vocês vão sugerir. Vocês podem pedir dez milhões e ele falará: “Não, eu consigo cinco.” Isso vai acontecer de novo, como todo ano acontece. O Sub-Relator vai lutar e vai fazer reuniões com vocês. Então, acho que o desafio é outro. O Governo vai dizer o tempo todo que há subsídio ao Transporte.

Quanto à dívida, nós temos de reconhecer que o Sr. Haddad ajudou. Acho que ir de quatro bilhões para um bilhão e 300 ajuda bem. Entretanto, eu gostaria que dissessem que o Sr. Haddad foi austero. O Secretário falou, assim, da gestão anterior, na renegociação da dívida. Então, nem o próprio Governo fala mais que o problema é a dívida, mas é o Transporte e é o precatório. Ou seja, eu costumo dizer que o bom gestor tinha de ter criado um mecanismo para isso. Então, no domingo, que evitem o bom gestor, pelo amor de Deus.

Eu quero fazer um apelo. Na condição de Presidente da Comissão tenho esse direito. Srs. Cacique e Pajé: o Sr. Bolsonaro já falou que a primeira atitude dele é sobre o arrozal, lá. Ele vai tomar de novo. Então, aqui, eu quero deixar público: se esse cara ganhar, naquilo que foi demarcado de vocês e comunidades quilombolas e naquilo que ele chama o MST de invasor e baderneiro, serão os ruralistas que vão passar a invadir e ser baderneiros, para tomar de novo. Então, eu quero fazer este apelo público e não perderia esta oportunidade. Eles vão ser baderneiros e vão invadir as terras demarcadas dos índios e das comunidades

quilombolas. Então, domingo, é um perigo à nação.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – O que o Sr. Doria faz é simplesmente não ter a mínima capacidade de diálogo com quem pensa diferente dele – inclusive, com os membros históricos do seu partido. Então, fiquem atentos, porque eu estou falando de Orçamento. Eu estou falando de gestor público.

Eu quero, aqui, dizer mais uma vez que vocês têm sido muito coerentes naquilo que vocês falam. Eu falo isso ao Sr. Caio Megale. Vocês têm vindo, sim, enfrentar isso. Eu quero justificar a questão do Sr. André Sturm, hoje, porque, de fato, quando comunicamos, ele já tinha esse compromisso. Então, está justificado. Digo para vocês que este é o grande desafio. Eu quero agradecer a todos, mais uma vez.

Na próxima quarta-feira, nós teremos, então, a pasta de Assistência Social, com o Fundo Municipal de Assistência e com a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania. Então, permitam-me fazer o meu desabafo, também, aqui, e dizer que é um grande desafio.

Eu quero, aqui, passar novamente um e-mail: orcamentosp2019@gmail.com. As demandas podem ser mandadas aqui. Vocês as mandem no endereço da Câmara, neste endereço, no Portal da Câmara.

Nada mais havendo a tratar, meus amigos e colegas, encerrarei os trabalhos. Agradeço a presença do Vereador Rodrigo Goulart.

Obrigado a todas e a todos.